



DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

# ZERO

CURSO DE JORNALISMO DA UFSC - FLORIANÓPOLIS, NOVEMBRO DE 2009 - ANO XXVII, Nº 6

Sofia Franco



Jessé Torres



Inclusão

## Exposição artística traz obras acessíveis para deficientes visuais

página 12

Educação

## Prêmios para quem faz o Enade

Faculdades particulares de Florianópolis sorteiam brindes para quem participou do Exame Nacional de Desempenho do Estudante realizado no dia 8 de novembro. Os alunos também tiveram aulas de revisão para a prova, que tem como objetivo avaliar o rendimento quanto ao conteúdo ensinado durante a graduação.

página 13

C&T

## Equipe da UFSC vence competição com barco movido a energia solar

Representantes de Santa Catarina ganharam o Desafio Solar Brasil no Rio de Janeiro e garantiram vaga no principal evento mundial do setor. O barco Vento Sul, desenvolvido por alunos de Engenharia Mecânica, Civil e de Produção Elétrica e Mecânica, é movido pela eletricidade obtida através da energia luminosa.

Júlio Ettore Suriano

página 11



# Em Blumenau, duas mil famílias ainda não têm endereço certo

### Atingidos pelos deslizamentos de 2008 continuam em moradias provisórias

Em novembro de 2008, Blumenau foi atingida durante 72 horas por chuvas que causaram prejuízos e destruição. A cidade catarinense – que também enfrentou tragédias causadas pela força das águas durante a década de 80 – viu em pouco tempo casas serem destruídas pelos deslizamentos de terras. Segundo a prefeitura, 20 mil pessoas foram afetadas, sendo que 5400 tiveram que deixar suas casas e seguir para os 63 abrigos espalhados

pela cidade. Quase um ano depois, Blumenau ainda enfrenta as consequências. Políticas de habitação e equipes responsáveis pela análise das áreas de risco foram criadas para amenizar os estragos e prevenir futuras tragédias. Hoje, sete moradias provisórias são o único endereço de mais de 300 famílias. Nesses espaços, banheiro, lavanderia e áreas de lazer são de uso comum. Educadores, psicólogos e assistentes sociais acompanham a rotina

nessas moradias. Mais de R\$ 8 milhões, repassados pelo governo de Santa Catarina, estão destinados para a compra de terrenos e construções de apartamentos e casas para as cerca de 2 mil famílias que perderam suas casas. Porém, a burocracia, a especulação imobiliária e a busca por locais adequados são fatores que atrasam as obras, previstas para serem entregues a partir do próximo ano.

páginas 7-10

## UNIVERSITÁRIO

## Eleições do DCE



Acontecem nos dias 18 e 19 de novembro as eleições para o Diretório Central de Estudantes (DCE) da Universidade Federal de Santa Catarina.

Nesta eleição, concorrem à direção do DCE as chapas "Canto Geral" (1), "Transformando a UFSC com Luta e Poesia" (2) e "Ousar e Lutar" (3). O último debate entre as chapas será no dia 17 de novembro, no Centro de Comunicação e Expressão (CCE), às 18h30. Nos dias da eleição, cada centro receberá uma urna.

Com 46 participantes, a chapa 1 reivindica, dentre outras coisas, a implementação de opção vegetariana e de café da manhã no cardápio do Restaurante Universitário e a contratação de mais servidores públicos para atender o restaurante.

A chapa 2, formada por 49 integrantes, tem como proposta diferencial a construção de uma creche totalmente pública e gratuita para os filhos de estudantes da Universidade, além de apoiar a manutenção do HU100% público.

Já a chapa 3, conta com a participação de 25 alunos e tem como uma de suas propostas lutar pela criação de uma ouvidoria que apure os casos de machismo, homofobia e racismo que venham a ocorrer na Universidade.

As principais funções de um DCE dizem respeito aos interesses dos estudantes perante à administração da instituição, bem como às questões políticas e educacionais que fazem parte da universidade, da faculdade ou do centro universitário. Na UFSC, o diretório recebe o nome de 'Luiz Travassos' em homenagem a um dos principais ativistas político-estudantis que lutou contra o regime militar brasileiro.

Durante esse ano, o DCE da UFSC foi dirigido pela 'Boas Novas'. De acordo com Diogo Ikeda, um dos integrantes da atual direção, o principal objetivo atingido pela chapa foi fazer o DCE existir para o estudante. "Debatendo assuntos do dia a dia dos alunos, conseguimos mostrar a eles que movimento estudantil não é coisa chata".

## EDITORIAL

## Um ano depois de tudo

A terceira edição do ZERO foi pensada num momento em que Santa Catarina revivia o medo de enfrentar o poder das chuvas que, menos de um ano antes, havia causado 135 mortes e deixado 5.617 pessoas desabrigadas em todo estado.

Esse ano, a atenção do país voltou-se para o Extremo-Oeste catarinense, onde um tornado com velocidade entre 120 e 180 quilômetros por hora atingiu a cidade de Guaraciaba e deixou quatro mortos e 89 feridos. Na região, outros cinco municípios também decretaram situação de emergência.

Blumenau – uma das cidades mais atingidas pelos temporais de novembro de 2008 – também ficou em constante estado de alerta, pois a intensidade das chuvas fez subir rapidamente o nível do rio Itajaí-Açu, que corta a cidade. Além de trazer apreensão para os moradores do município, as enxurradas também reavivaram as lembranças de algumas pessoas que, nove meses atrás, viram parte de suas vidas serem levadas rio abaixo.

E são essas lembranças, as quais certamente jamais deixarão de fazer parte da vida dos blumenauenses, que nossos repórteres foram buscar para dar vida à reportagem especial desta edição, que, devido à relevância do assunto, passou de duas para quatro páginas.

Os pasteizinhos da Dona Esaltina, o bebê de Paola e o café da manhã de Dona Zélia são apenas algumas das centenas de histórias que a mídia esqueceu de ouvir e de contar depois que a água baixou e a lama secou.

No entanto, se por um lado ficam as lembranças para as duas mil famílias que perderam suas residências, por outro surge a esperança de retomar uma vida nova longe dos abrigos e numa casa própria: a partir de 2010, casas e apartamentos começarão a ser financiados para quem perdeu tudo na enchente do ano passado em Blumenau.

Dez terrenos para a construção das residências foram comprados com dinheiro arrecadado em doações (cerca de R\$ 8 milhões de reais), mas devido à alta especulação imobiliária criada na cidade após a enchente, os lotes tiveram de ser adquiridos em lugares afastados do centro da cidade.

Para a população que vai ser transferida, morar em locais mais distantes implica numa possível inviabilização na implantação da infraestrutura social básica, como creches, escolas e hospitais, por exemplo.

Já para as autoridades, esse deslocamento é a maneira mais cômoda de realocar os desabrigados sem ter que causar indisposição na estrutura da cidade.

## CHARGE



## Sobre o chargista

Philipi Schneider, 23 anos, estuda Design Gráfico na Udesc e começou a carreira de chargista no ZERO. Para entrar em contato com o autor, basta enviar um e-mail para phil.scr@gmail.com

## Para os chargistas

Se você é daqueles que quando lê uma notícia logo a imagina numa charge, desenhe para o ZERO e envie para zero@cce.ufsc.br. Sua charge pode ser publicada nesse espaço e fazer parte das próximas edições do jornal.

\*\*\*\*\*  
**ZERO**

## JORNAL LABORATÓRIO ZERO

Ano XXVII - Nº 6 - Novembro de 2009  
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC  
Fechamento: 17 de novembro

Curso de Jornalismo - CCE - UFSC - Trindade  
Florianópolis - CEP 88040-900  
Tel.: (48) 3721-6599 / 3721-9490  
Site: www.zero.ufsc.br  
E-mail: zero@cce.ufsc.br

**REDAÇÃO** Andressa Dreher, Bibiana Beck, Camila Chiodi, Cecília Cussioli, Fernanda Martinazzi, Jessé Torres, Joana Neitsch, Juliana Frandalo, Júlio Ettore Suriano, Marcelo Andreghetti, Mayara Schmidt, Letícia Arcoverde, Pedro Dellagnelo, Sarah Westphal, Sofia Franco **EDIÇÃO Capa, Opinião e Entrevista** Angieli Maros e Gabriela Cabral **Educação** Gabriela Bazzo **Ciência e Tecnologia** Sarah Westphal **Saúde** Sheila Marangoni **Especial** Flávia Schiöchet **Cultura** Andressa Dreher **Inclusão** Andrei Longen **Política** Michel Siqueira **Economia** Camila Chiodi **Contra-Contra** Andressa Dreher **Contracapa e Imagem** Joana Neitsch, Marcelo Andreghetti **FOTOGRAFIA** Angieli Maros, Camila Chiodi, Diogo Zambello, Jang Suk Joon, Jessé Torres, Juliana Frandalo, Pedro Dellagnelo, Rogério Moreira Jr., Sheila Marangoni, Sofia Franco **ILUSTRAÇÃO** João Assunção, Eduardo Malaguti **EDITORAÇÃO** André Rodrigues, Andressa Dreher, Cecília Cussioli, Fernanda Martinazzi, Flávia Schiöchet, Gustavo Naspoli, Jessé Torres, Júlio Ettore Suriano, Letícia Arcoverde, Michel Siqueira, Paulo Rocha, Rafael Amaral, Rafael Wiethorn, Sofia Franco, Vitor Oliveira **INFOGRAFIA** André Rodrigues, João Assunção, Rafael Amaral **SERVIÇO EDITORIAL** Folha de S. Paulo, history.state.gov **CONSULTAS** As Cidades Invisíveis, Italo Calvino **PROFESSOR-COORDENADOR** Jorge Kanehide Ijuim MTb/SP 14.543 **COORDENAÇÃO GRÁFICA** Sandro Lauri Galarça MTb/RS 8357 **MONITORIA** Risa, Stoider, Lígia Lunardi **IMPRESSÃO** Diário Catarinense **CIRCULAÇÃO** Nacional **TIRAGEM** 5.000 exemplares



Melhor Peça Gráfica I, II, III, IV, V e XI Set Universitário / PUC-RS (1988, 89, 90, 91, 92 e 98)  
Melhor Jornal-Laboratório no I Prêmio Foca Sindicato dos Jornalistas de SC 2000  
3º melhor Jornal-Laboratório do Brasil EXPOCOM 1994

## ZERO NO TEMPO



Em julho de 2001, o ZERO trazia a reportagem "Síndrome do pânico: os reféns do medo", que abordava as características, sintomas, tratamentos e relatos de pacientes sobre essa doença definida como "uma desordem de ansiedade causada por situações de extrema pressão." Classificada como uma doença mental, a síndrome do pânico ocorre quando a produção dos neurotransmissores - substâncias responsáveis pela comunicação entre os neurônios - entram em desequilíbrio, o que leva ao preparo do organismo para uma situação de perigo não existente. O tratamento é através do uso de remédios antidepressivos, porém para uma maior eficácia são necessários cuidados conjuntos, entre a parte física e emocional de quem sofre do transtorno.

Nesta edição, o jornal volta a tratar de questões relacionadas à saúde mental, dessa vez com o foco na depressão e no aumento das vendas dos medicamentos antidepressivos. Dados da Organização Mundial de Saúde apontam que 32% da população mundial pode sofrer com o quadro de depressão ao longo da vida, e que a doença não é fruto das relações da modernidade, mas sim algo que sempre existiu. A reportagem mostra, entre outros pontos, que a depressão - assim como a síndrome do pânico - é mais suscetível em pessoas do sexo feminino, devido às constantes alterações hormonais pelas quais a mulher passa.

A reportagem também destaca a questão do uso dos antidepressivos. O aumento no consumo desses medicamentos preocupa os médicos, pois apesar de não causar dependência, o remédio pode gerar outros tipos de problemas de saúde, como por exemplo a obesidade. Além disso, os especialistas alertam para o uso indiscriminado dos antidepressivos como maneira de alívio rápido para os problemas enfrentados, como se fosse uma válvula de escape diante das situações do dia a dia.

# Sérgio Vilas Boas

O jornalismo pode ser mais que *hard news* - as notícias diárias que os jornais costumam trazer. É possível escrever histórias de personagens, pessoas que vivem, sentem e sofrem. Essa é a característica principal do jornalismo literário, fonte de discussões e experiências que o jornalista Sérgio Vilas Boas aponta nesta entrevista ao **ZERO**. Com jeito despojado, mas sem perder o tom de professor, ele comenta ainda sobre o diploma de jornalismo e trajetória profissional.

**Z**ERO: Na introdução do livro "Literatura e Jornalismo", de José Domingos de Brito, você afirma que, em certos estudos sobre Jornalismo Literário (JL), as comparações, os termos e os conceitos podem ser "ridículos" e que é preciso ser maleável ao tratar do tema. Qual seria, então, uma definição de Jornalismo Literário?

É mais fácil dizer o que não é, pois facilita bastante a definição. O jornalismo literário não é ficção, não é crônica, nem crítica literária. É um híbrido que mistura um jornalismo de profundidade, isto é que vai além das notícias que vemos todos os dias nos jornais, com técnicas da literatura.

Algumas das definições apontam como características do JL as descrições do ambiente e de detalhes; a busca variada de fontes; a precisão de dados e informações; e a abordagem do lado humano. O jornalismo em geral não pode e até não deve ser feito dessa maneira?

Se o jornalismo no Brasil fosse praticado de uma forma plural, ou seja, com múltiplas maneiras de fazer, com tipos de textos diversos, não seria preciso criar definições, como jornalismo investigativo, cidadão ou literário. Não faz sentido porque a prática envolve isso. A discussão acaba surgindo por causa da mediocridade das grandes empresas de mídia. O JL não é só um jornalismo de profundidade com técnicas da literatura, mas é também sobre personagens. E a presença de personagens, de pessoas como ponto principal do texto, não está em todo jornalismo. É possível fazer uma reportagem investigativa sem a necessidade de descrever a vida de alguém, apenas com base em telefonema, google, dossiês, relatórios. Não é todo texto jornalístico que é obrigado a focar em pessoas. Pode ser profundo, com apuração e informação consistentes, sem ter personagens em profundidade. Porém, o JL gira em torno de pessoas e é obrigatório que seja dessa forma. Por exemplo, escrever sobre o transporte público de Florianópolis. Primeiro, é preciso decidir quais as questões que irão ser tratadas.

É sobre quem pega ônibus? Quem anda a pé? Então me diz o nome do sujeito que anda a pé, conte a história dele. Com isso, o leitor vai ter ideia de como é o personagem, o modo de falar, de vestir, como é fisicamente e assim se identificar.

O tipo de texto que você define como Jornalismo Literário não está restrito aos cadernos alternativos dos jornais, como os de cultura, ou em especiais como o Aliás (*O Estado de S. Paulo*) e o Mais (*Folha de S. Paulo*)? Como fazer para incluir textos com características do jornalismo literário em todas as editorias?

Não há nada que impeça que um texto com características do JL esteja em outras editorias. O que acontece é que não pode ser banalizado. É um tipo de jornalismo metódico, mas não deve ocupar todo o jornal só com isso. O ideal seria que todo dia, em algum caderno, tivesse textos desse tipo. Segunda-feira na editoria de Ciência, terça na de Cultura, Economia na quarta, Política na quinta. O plano econômico que o ministro anunciou vai sair em todos os jornais, muitas vezes com textos e títulos parecidos, quando não iguais. Mas isso não me interessa. Aliás, não é o principal. Interessa o perfil do ministro, a história do motorista dele, de pessoas que convivem com ele.

No Jornalismo Literário, é possível produzir textos em que a presença do repórter, através da subjetividade, seja notada. Quando o subjetivo, o "eu" do jornalista aparece, há a possibilidade de tornar o texto desinteressante? O leitor se importa em saber quais são as opiniões e pontos de vista do repórter ou interessa apenas pelo personagem?

O "eu" não é obrigatório, é apenas um caminho. O JL é como se fosse uma cozinha cheia de utensílios, especiarias, panelas de todo os tipos, alimentos de diversas naturezas. Está tudo ali, mas você não

pode pegar tudo e colocar no mesmo prato. Não dá para negociar que para ser JL, o repórter precisa ter imersão, ou seja, um envolvimento não-ideológico e não-religioso com o assunto, além de humanização e personagens. O uso da subjetividade serve para iluminar questões confusas da matéria. Não é para o jornalista se tornar mais importante do que o tema ou o personagem. E essa manifestação do jornalista, que chamamos o "eu", também dá garantia ao leitor de que o repórter realmente "mexeu a bunda do lugar", que não está enganando o público com uma apuração ineficiente.

Você define perfil como um tipo de texto biográfico sobre uma pessoa, famosa ou não, de preferência que ainda esteja viva. E para fazer esse tipo de texto, é preciso que se trate de pessoas reais em lugares reais. Além dessas condições, o que mais te desperta interesse quando vai fazer um perfil?

No caso de grandes reportagens estou atrás de um tema. Ela precisa de múltiplos personagens, mas estes estão em função de um tema. Por exemplo, desmatamento de uma região de favela em Florianópolis. Vou trabalhar com vários sujeitos da favela, mas não vou dar tanta atenção no que se refere a biografia deles. A prioridade está nos fatos da vida do sujeito relacionados ao tema. Já o perfil, foca o tempo todo na vida do personagem. Quando escolho alguém para fazer um perfil é porque ele é importante e não o tema. Pode ser um morador da favela desde que tenha algo que o diferencie da multidão. Mesmo com pessoas famosas é preciso procurar um diferencial. Entre pessoas que não são famosas, considero como interessantes aquelas que têm uma atitude diferente em relação à vida.

Você trabalha na pós-graduação (oferecida pela Academia Brasileira de Jornalismo Literário), em que há pessoas formadas em diferentes cursos. Qual a sua opinião sobre o diploma? É fundamental para formar bons jornalistas?

Não tenho elementos para julgar a questão. Para mim, a exigência do diploma não faz muito sentido. E não acho que o fato de cair o diploma irá acabar com os cursos de comunicação, e as pessoas não sejam mais jornalistas. Nunca me pediram diploma, então não pensei sobre isso. Não acho isso relevante, o importante é uma formação humanística sólida na graduação.

Sobre diploma e profissões, você mudou de curso algumas vezes até fazer jornalismo. Como foi esse processo?

Eu fiz Cefet quando era adolescente, então o natural era seguir para a área de engenharia. Com 18 anos caí no curso de engenharia, mas não suportei e parei. Fui trabalhar, fazer outras coisas, saí da casa dos meus pais. Depois fiz vestibular para Sociologia na UFMG, em Belo Horizonte. Passei, fiz metade do curso e abandonei porque achei precário demais. Eu queria ser escritor, mas não tem curso para ser escritor. Então fui fazer Jornalismo por causa disso. Não tenho muita segurança de que fiz a escolha certa. Mas foi bom.

E o que fez quando terminou o curso de Jornalismo?

Eu fui para os Estados Unidos estudar inglês, mas acabei descobrindo outras coisas. Trabalhei como tradutor e lá recolhi material para escrever meu livro sobre imigrantes [*Os Estrangeiros do Trem N* ganhador do Prêmio Jabuti de melhor reportagem em 1998]. Voltei para o Brasil e estava sem nada, tinha vendido carro, a poupança tinha acabado. Então o emprego que apareceu foi o de repórter.

Se a necessidade não tivesse te forçado, você teria trabalhado como repórter?

Talvez não. Eu não sei se eu teria encarado se tivesse uma vida 'mansa'. Depois que comecei foi tranquilo, até fiquei dez anos na redação. Mas hoje não sinto falta da rotina de trabalho nas redações.

Joana Neitsch

Diogo Zambello



Aos 44 anos, Sérgio Vilas Boas é jornalista, escritor e professor. Mineiro de Lavras, passou grande parte da vida em Belo Horizonte, dois em Nova York e desde 1998 mora em São Paulo. Trabalhou por dez anos como repórter e editor em jornais de Minas Gerais e São Paulo. É doutor pela Escola de Comunicação e Artes da USP com pesquisas sobre narrativas biográficas, que resultaram nos livros "Biografias & biógrafos" (2002) e "Biografismo" (2008). Hoje é diretor editorial da *TextoVivo*, revista eletrônica que reúne histórias de "pessoas reais, em lugares reais vivendo situações reais". Vilas Boas é também um dos fundadores da Academia Brasileira de Jornalismo Literário.

# Vergonha de lado na hora de comprar

Sex shops de Florianópolis investem no atendimento ao cliente e acompanham o crescimento nacional do setor

Fantasia, lingerie sensual, cuecas ousadas... Capas para pênis, feitas de silicone colorido e com diversas texturas. Acessórios que estimulam simultaneamente ambos os parceiros. A sex shop é vizinha de inocentes lojinhas de roupas em um shopping center de Florianópolis. Cresce no Brasil um setor que há uma década sequer era visto: o de produtos eróticos.

Segundo a vendedora, Marisete Alves, os vibradores e cosméticos são os produtos mais procurados. A clientela das sex shops brasileiras é composta, em sua maioria, por mulheres das classes A, B e C, de 25 a 45 anos, e 75% dos produtos são importados dos EUA, China e Europa. Os dados são de pesquisas da Erótika Fair, feira que desde 1997 reúne o setor no Brasil, e cuja 15ª edição foi realizada no mês de outubro em São Paulo.

Algumas das novidades deste ano foram os produtos eróticos de luxo e o lançamento de um guia de negócios para o setor. Segundo Aurea Karpur, da assessoria de imprensa da Erótika Fair, o mercado de artigos eróticos está em franca ascensão. No estado de São Paulo, as sex shops movimentam de 40 a 50 milhões de reais anualmente. Das cerca de 1.000 lojas físicas no país, 600 estão na região sudeste. Aproximadamente



Camilla Chiodi

Sem o estilo "fundo de galeria", esta loja da cidade prepara as vendedoras para lidar com o cliente e garante a privacidade na hora da compra

650 estabelecimentos vendem seus produtos online.

Em Florianópolis, não há dados sobre o número de casas do ramo em funcionamento. O mercado dinâmico, em expansão e "mal explorado"

atraiu a atenção do proprietário Peter Schwingel. Ele conta que suas lojas têm um foco diferente: uma sex shop sem a cara de sex shop de "fundo de galeria", mas que tem como maior diferencial o atendimento.

É feito um treinamento com os funcionários para que conheçam os cerca de 1.200 artigos diferentes. Apenas mulheres atendem. Ele explica: as mulheres sentem-se constrangidas ao conversar sobre os produtos com homens, e o

público masculino não vê problema em ser atendido pelas meninas.

"De sexo todo mundo gosta", sentença Schwingel, ao falar sobre o público da loja: 60% são mulheres, de todas as classes e idades, muitas casadas e a fim de melhorar o relacionamento. Conta que já teve clientes até de 82 anos, que foram procurar os produtos por recomendação médica.

O mercado é específico, e o contato com distribuidores é feito pela web. Schwingel também é responsável pelo marketing da loja, que possui matriz na Lagoa da Conceição desde junho de 2008, e uma filial na Trindade desde junho deste ano.

Pequenos detalhes a respeito da privacidade, segundo ele, são indispensáveis: a frente da loja é opaca, as sacolas são de cores variadas e sem nenhuma identificação. A matriz na Lagoa da Conceição será transferida para um ambiente de 55 metros quadrados, em que se tentará permitir que várias pessoas comprem ao mesmo tempo, sem verem umas às outras. Pela web, a loja vende para o interior de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul e do Paraná.

Jessé Torres

## Venda de CDs e DVDs piratas nas ruas perde espaço para cópias caseiras

Nos fundos do Camelódromo Municipal de Florianópolis, um rapaz dizia as letras para quem passava, em voz baixa, numa espécie de propaganda discreta: "CD-DVD...". Quando abordado, explicou para o possível cliente: "A polícia tá em cima, aí a gente tem que trabalhar com os filme escondido, entendeu? (sic)". Após se dirigirem até um ponto de venda de passes de ônibus, vendedor e cliente conseguiram que um dos homens aceitasse se arriscar no Centro. "Tem o mercado de peixes ali? Me aguarda na porta que eu levo pra ti". Na área de descarga do Mercado Público, a transação foi feita.

O esquema de venda de DVDs e CDs pirateados de hoje em nada se parece com aquele de cerca de três anos atrás, quando a mercadoria ficava exposta livremente. Esta mudança tem diversas causas. "A pirataria está saindo da rua e indo para casa, e isso acontece porque hoje há mais acesso à tecnologia", avalia Lúcia Scalco, socióloga e doutoranda em antropologia social na Ufrgs (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), em Porto Alegre. Segundo a pesquisadora, a pirataria física é, atualmente, quase exclusiva de

quem não tem acesso à internet banda larga.

"Júlia B., 19 anos, estudante de curso pré-vestibular, faz parte do crescente número de pessoas com acesso a conexão de alta velocidade. Com os pais, é dona de um acervo de cerca de 80 discos de filmes e concertos musicais. Ela conta que copia, em média, um DVD por semana, através de filmes alugados em videolocadoras, e utilizando programas de computador que anulam o bloqueio do disco contra gravações. "Eu comprava apenas originais, mas depois ficou mais barato fazer em casa, com o lançamento de gravadores", diz.

Para Lúcia Scalco, uma questão central na pirataria digital é o conflito entre o direito à informação e o direito à propriedade intelectual. Embora seja cada vez mais fácil baixar filmes e músicas, as empresas estão comprando a briga. A Federação Internacional da Indústria Fonográfica (IFPI, em inglês), exalta em seu site números que atestam a queda na aquisição de mídias físicas e o aumento das transações online.

A repressão também está minando a pirataria de rua. No Camelódromo Municipal de Florianópolis, desde 1999,

quando uma batida da Polícia Federal esvaziou cerca de 70 boxes, está proibido o comércio de artigos pirateados. "Estou sempre dando umas voltas e fiscalizando. Se pegar algo falsificado peço para retirar os itens, ou o box corre o risco de ser fechado", explica José Leal, que há 18 anos administra o local. Mesmo assim, semanas antes podiam ser encontrados diversos jogos falsificados no local. Ao ser questionado, o vendedor de um dos boxes disse que "filmes e shows não eram permitidos, mas jogos sim", na contramão de Leal.

O intermediário que atraía os clientes no camelódromo se identificou como "Cholo", e reclama dos obstáculos ao seu trabalho. "Todo mundo fica com medo, os P2 (policiais civis disfarçados) tão ali, a PPT (Pelotão de Patrulhamento Tático da PM), né cara? Se pegarem eles levam tudo e é um prejuízo desgraçado". Dez minutos depois, a 20 metros do local da abordagem, uma viatura da PPT estava parada e não era mais possível avistar Cholo ou outros intermediários. Eles aguardariam um pouco pra voltar ao trabalho.

Júlio Ettore Suriano



Júlio Ettore Suriano

Através de programas de computador é simples copiar originais e montar acervos particulares

# Depressão é confundida com tristeza

Venda de medicamentos antidepressivos aumentou mais de 42% entre 2003 e 2007, segundo dados da ANVISA

Segundo a Organização Mundial da Saúde, 32% da população mundial pode desenvolver um quadro depressivo ao longo da vida. A depressão é uma síndrome que afeta atividades vitais, como o sono e o apetite. Apesar da abundância de casos na atualidade, a doença não é fruto da modernidade e antes era definida por vários nomes, entre eles angústia e melancolia.

Especialistas alertam que muitas pessoas estão confundindo tristeza e frustração - sentimentos comuns ao ser humano - com depressão. "As pessoas buscam uma fuga, um alívio imediato nos antidepressivos como se eles fossem uma pílula da felicidade", explica o psiquiatra Nelson Cardoso. "45% das minhas consultas estão relacionadas a quadros depressivos", acrescenta.

Acontecimentos que fazem parte do cotidiano como perda de emprego, fins de relacionamentos e morte de parentes proporcionam naturalmente sentimentos indesejáveis. A preocupação deve surgir quando esses sentimentos se prolongarem por muito tempo e começarem a afetar a personalidade e a rotina.

A psiquiatra Ana Michels enumera cinco características para auxiliar o diagnóstico da depressão: "O paciente deve apresentar alteração de sono e/ou apetite, flutuação do humor diário, medo inespecífico, sensação de culpa e piora matinal, ou seja, não ter motivação para levantar da cama". Nilza Foster Seidler, 46 anos, é empregada doméstica e teve sua primeira depressão há três anos com a morte do sogro de quem cuidava. "Eu não tinha vontade de fazer nada, eu não me suportava e descarregava nos filhos e no meu marido. Nem minha casa eu limpava mais", conta. Nilza procurou um posto de saúde e começou a tomar fluoxetina durante dois anos e meio.

A fluoxetina é uma substância antidepressiva que aumenta a disponibi-

lidade de serotonina no cérebro, responsável pela regulação do humor e de atividades vitais. Prozac, Fluxene, Verotina são alguns dos nomes comerciais mais difundidos. Os efeitos colaterais mais comuns são boca seca, prisão de ventre, tontura e aumento de peso. Mas, ao contrário do que muitos pensam, antidepressivos não causam dependência. São remédios de tarja vermelha com venda controlada nas farmácias, pois seu uso indiscriminado pode afetar outras áreas da saúde. "Causar obesidade ou mesmo a perda de peso, trazer problemas de ordem sexual e até desencadear uma doença que esteja incipiente", alerta Ana Michels.

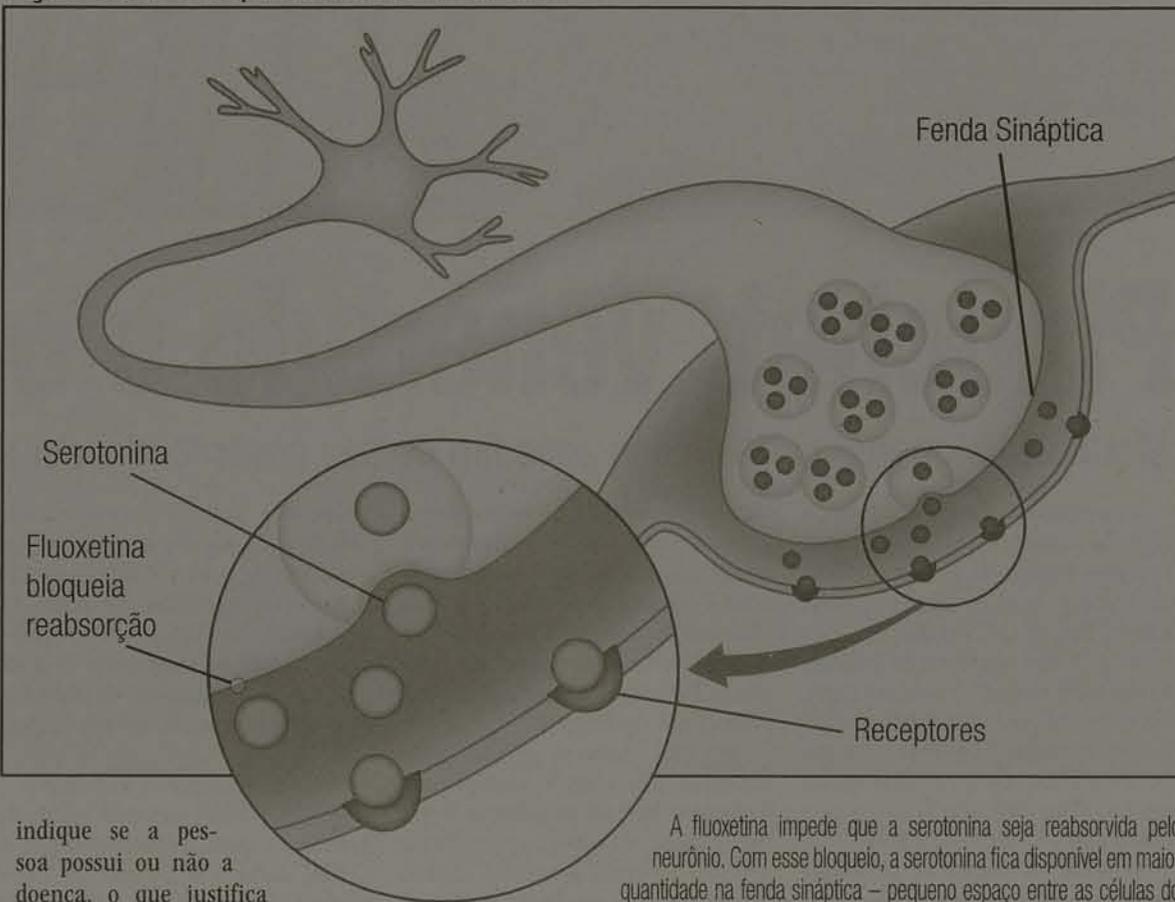
Os tratamentos duram em média de nove meses a um ano e, mesmo após esse período, a pessoa pode voltar a ter depressão. Nilza começou a ter os sintomas seis meses depois de interromper a medicação. "Eu esperei umas duas semanas antes de voltar a tomar o remédio para ver se passava". Sem consultar outro médico e conhecendo o remédio que deveria tomar, Nilza conseguiu comprar seus antidepressivos sem receita. "Agora eu estou bem calma, tranquila. Antes eu não conseguia respirar, eu sentia um abafamento", confessa.

## Diagnóstico cuidadoso

As consultas médicas feitas pelo SUS e pelos planos de saúde geralmente são rápidas e não dispõem do tempo necessário para fazer um diagnóstico preciso. "A relação do médico com o paciente tem que ser uma relação de escuta. As consultas feitas pelo SUS duram no máximo dez minutos e a situação não é diferente com os planos de saúde que pagam mal e levam os médicos a atenderem mais pacientes por dia", critica Cardoso.

O diagnóstico da depressão é clínico, não existe um exame que

## Ação do antidepressivo no neurônio



indique se a pessoa possui ou não a doença, o que justifica constatações diferentes de um médico para outro. "Para reconhecer um verdadeiro quadro depressivo, o médico precisa saber ponderar. Se ele não prescrever medicamentos, não significa que ele esteja exercendo uma má medicina. Ele pode propor um acompanhamento antes de receitar a medicação".

Nelson Cardoso afirma que clínico geral, ginecologista e cardiologista são as especialidades médicas que mais prescrevem antidepressivos. "As pessoas vão primeiro a esses médicos. Existe uma resistência a ir ao psiquiatra, que ainda é visto como médico de louco, apesar de ser o mais indicado para diagnosticar essa enfermidade", esclarece.

A fluoxetina impede que a serotonina seja reabsorvida pelo neurônio. Com esse bloqueio, a serotonina fica disponível em maior quantidade na fenda sináptica - pequeno espaço entre as células do sistema nervoso - onde age causando sensações de melhora e bem-estar.

A síndrome não possui uma causa exclusiva. Cardoso descreve o ser humano como um ser biopsicosocial, que é influenciado pela genética, a psicologia e o meio social em que vive. "Predisposição biológica e traumas são fortes fatores para desenvolver a doença", ressalta.

A funcionária pública Liliane Régis, 47 anos, sempre se considerou alguém triste e para baixo. "Eu me isolo quando estou mal, não quero passar isso para os outros. Quem me conhece me vê sempre bem, não deixo transparecer". A perda do pai aos 15 foi seu primeiro grande trauma, mais tarde problemas enfrentados no trabalho a fizeram cair em depressão profunda. "A terapeuta já tinha diagnosticado a minha depressão há uns dez anos, mas eu sempre relutei em tomar remédio. Só que depois que eu sofri ameaças no meu emprego, não tive como escapar", confessa. Desde março Liliane toma 50mg de antidepressivo por dia. "Eu sentia uma coisa ruim na garganta como se eu precisasse sair gritando, eu tinha vontade de...". Com a mão em forma de arma apontada para a cabeça Liliane mostra que tinha vontade de se matar.

Ana explica que o deprimido sente uma dor tão grande, tão intensa que pensa na morte como um alívio. Nilza também não tinha mais vontade de viver. "Uma coisa eu tenho certeza, se a pessoa não toma a medicação ela comete uma loucura".

Além dos sintomas psicológicos e sentimentais, a depressão pode pro-

porcionar dor física nos doentes. Segundo Cardoso, o paciente costuma ter dores de cabeça, musculares, nas articulações e, em casos mais graves, desenvolver problemas cardíacos, gastrointestinais e distúrbios alimentares como a anorexia.

A depressão pode acometer qualquer pessoa, mas é mais frequente no sexo feminino. "A mulher é mais suscetível porque tem uma variação hormonal muito grande durante a vida", alega o psiquiatra. Também estão na faixa de risco idosos e principalmente pessoas com antecedentes na família.

Ter uma vida saudável, destinar parte do tempo para lazer, dormir bem, ter horário para acordar, para se alimentar e respeitar os limites do corpo são as principais recomendações para se evitar a depressão.

A psiquiatra Ana Michels prefere não afirmar que a depressão está se banalizando. "Eu não sei se a doença está aumentando de fato ou se agora se fazem diagnósticos que não se faziam antigamente", Ana reconhece: "Nós vivemos numa época que parece não existir muito espaço para a tristeza. As pessoas se sentem obrigadas a serem felizes todos os dias, a estarem sempre muito satisfeitas, muito realizadas. Não é bem assim, nós temos o direito de estarmos tristes e temos que permitir que esse tempo de tristeza se desenvolva dentro da gente", finaliza.

Mayara Schmidt Vieira





# Pinochet, venerado e odiado pelo Chile

Mortes são ignoradas e 19 anos após fim de seu governo, ditador é lembrado como herói por parte da população

A caneca com o rosto estampado do general Pinochet está na vitrine de uma loja para turistas da Estação Central, em Santiago, com os dizeres: Gracias General Pinochet. \$1500 chilenos - seis reais - pela cara sorridente de Pinochet na sua mesa. Augusto Pinochet Ugarte, o general que governou o Chile de 1973 a 1990, foi senador até 1998 e morreu em 2006, é uma figura controversa na história e marcada pelo amor ou pelo ódio no coração do povo chileno.

Durante seu funeral, os admiradores de Pinochet tomaram as ruas perto do Palácio La Moneda, sede do governo chileno, para homenagear o general. Do outro lado da cidade, perto da Universidade do Chile, ponto histórico de manifestações populares, muita gente comemorava a morte do ditador com champagne e carreatas.

## O outro lado de la moneda

O golpe de estado comandado por Pinochet em 11 de setembro de 1973 pôs fim ao governo de esquerda do presidente Salvador Allende. Uma junta militar assumiu, e logo depois foi substituída pelo governo único do general, que ficou 17 anos no poder.

Como presidente, Pinochet criou um modelo de aniquilamento de toda a classe política que ameaçava os pilares de seu regime. Durante a Operação Condor, os militares perseguiram e matavam opositores políticos em qualquer lugar do mundo com ajuda da Agência de Inteligência dos Estados Unidos, a CIA.

Os "inimigos internos" eram caçados e mortos. Outros, simplesmente desapareciam. Numa dessas caçadas, ainda em 1973, a chamada Caravana da Morte percorreu o país de helicóptero fuzilando opositores. No livro *A Caravana da Morte* a jornalista chilena Patricia Verdugo conta sobre o sequestro, desaparecimento e assassinato de pelo menos 72 chilenos.

Em entrevista ao jornal Folha de S. Paulo, a autora disse que a investigação conseguiu provar os assassinatos a partir de depoimentos dos militares que foram os executores. "Muitos di-

ziam que os excessos do regime foram cometidos pelo aparato de repressão e inteligência, por subordinados. O chefe estaria ocupado governando o país. A Caravana da Morte foi o único caso em que foi possível comprovar a participação de Pinochet. Aqui, ele colocou sua marca", conclui Patricia.

Em 2001, devido a pressões internacionais, um relatório contendo informações sobre presos políticos do governo militar, foi entregue pelas Forças Armadas ao então presidente chileno Ricardo Lagos. A conclusão era de que pelo menos 800 presos mortos foram lançados ao mar, de helicópteros. "Foi uma notícia brutal, algo difícil de assimilar", disse a vice-presidenta da *Agrupación de Familiares de Detenidos Desaparecidos - AFDD*, Mireya Garcia.

A AFDD foi criada em 1975 para exigir que a verdade sobre cada preso desaparecido fosse revelada. Quando se constatou que boa parte dos desaparecidos foi executada, foi criada a AFEP, *Agrupación de Familiares de Ejecutados Políticos*.

Os números oficiais dão conta de 1.198 desaparecidos que estão nas listas entregues aos tribunais. Estima-se que pelo menos 60% deles nunca serão encontrados.

## Memórias do golpe

Com o golpe de 1973 em andamento, a Universidade de Santiago do Chile, assim como muitos prédios públicos, foi tomada pelos militares. Cerca de 600 estudantes, professores e trabalhadores foram presos no Estádio Chile, perto dali.

Entre eles estava Victor Jara, cantor e compositor chileno. O advogado Boris Navia, que esteve preso com o artista e sobreviveu, foi testemunha das torturas a que Jara foi submetido até ser morto pelos militares. Antes de ser levado para a execução, Jara escreveu seu último poema, chamado *Estadio Chile*, que escapou das mãos dos militares e serviu de inspiração para a resistência.

Desse período de horror os chilenos herdaram a revolta. Depois de tanto

tempo sem poder se expressar, cada manifestação popular nas ruas ganha contornos de guerra civil, com direito a tanques e barricadas. No último 11 de setembro, os confrontos entre pinochetistas, que comemoravam 36 anos do golpe, e manifestantes de esquerda, renderam duas mortes e vários feridos.

## Desenvolvimento X Repressão

Segundo dados da Cepal, Comissão Econômica para a América Latina e Caribe, durante o governo de Pinochet o Chile cresceu, em média, 2,9%. Nos governos democráticos que vieram em seguida esse crescimento passou a 5,9%. O governo de Allende começou, em 1970, com 9% de crescimento econômico e terminou com índice negativo de 4,3%.

Com uma estratégia econômica neoliberal, o regime militar chileno permitiu o livre ingresso de capital estrangeiro, o que proporcionou um equilíbrio maior na economia, com forte apoio dos EUA. Essa medida reduziu as dívidas do Estado, equilibrando as contas públicas. Ignacio Javier González López, líder estudantil de mani-

festações pinochetistas, considera essa a herança mais importante do governo militar: "Sem dúvida, seu legado [de Pinochet] é esse país muito perto do desenvolvimento que temos hoje, um país próspero e respeitado, seguro e estável".

O estudante de direito é responsável por um manifesto a favor da construção de um monumento para o general Pinochet na praça Constitución, em Santiago, onde figuram estátuas de outros presidentes chilenos. "Mais de 40% da população apoia a obra do general Pinochet e não existe um só lugar onde se possa deixar uma flor ou rezar por ele".

Não há um número exato ou oficial dos apoiadores do general. Gonzalo Pinochet, sobrinho do general e seu assessor por 24 anos, acredita que os pinochetistas leais ao general seriam ao menos 12% da população.

No site de relacionamentos Face-



Simpatizantes estimam que metade do país seja grata a Pinochet; não há números oficiais

book, onde os partidários do general se manifestam com liberdade e sem gás lacrimogêneo, mais de 35 mil usuários declararam o apoio a Pinochet. Há também no mesmo site, 85.500 pessoas contrárias ao ditador.

Ignacio López diz que essas diferenças de opinião fazem parte da democracia. "Apoiar um governo não democrático que foi necessário e a única solução para nosso país naquele período não significa ser antidemocrata".

O diretor executivo da Fundação Presidente Pinochet, Luis Cortés Villa, lembra o lado populista do general. "O presidente Pinochet teve preocupação com os pobres. Recebeu um país destruído, social, financeira e politicamente destruído. Trabalhou 17 anos para que fôssemos um país livre, soberano e acreditado. O bom momento da economia se deve ao que os chilenos fizeram sob o comando de meu general".

De acordo com o professor de História da Universidade Federal de Santa Catarina, Waldir Rampinelli, há uma contradição no desenvolvimento chileno. "A economia chilena vai bem, mas não necessariamente o povo vai bem. Quem mais se beneficiou da ditadura foram os ricos".

Essa divisão entre os que amam e

os que odeiam Pinochet evidencia uma realidade no Chile. Ao contrário do que ocorreu no Brasil, os militares chilenos entregaram o governo com a economia equilibrada e pronta para crescer de forma sustentada nos anos seguintes.

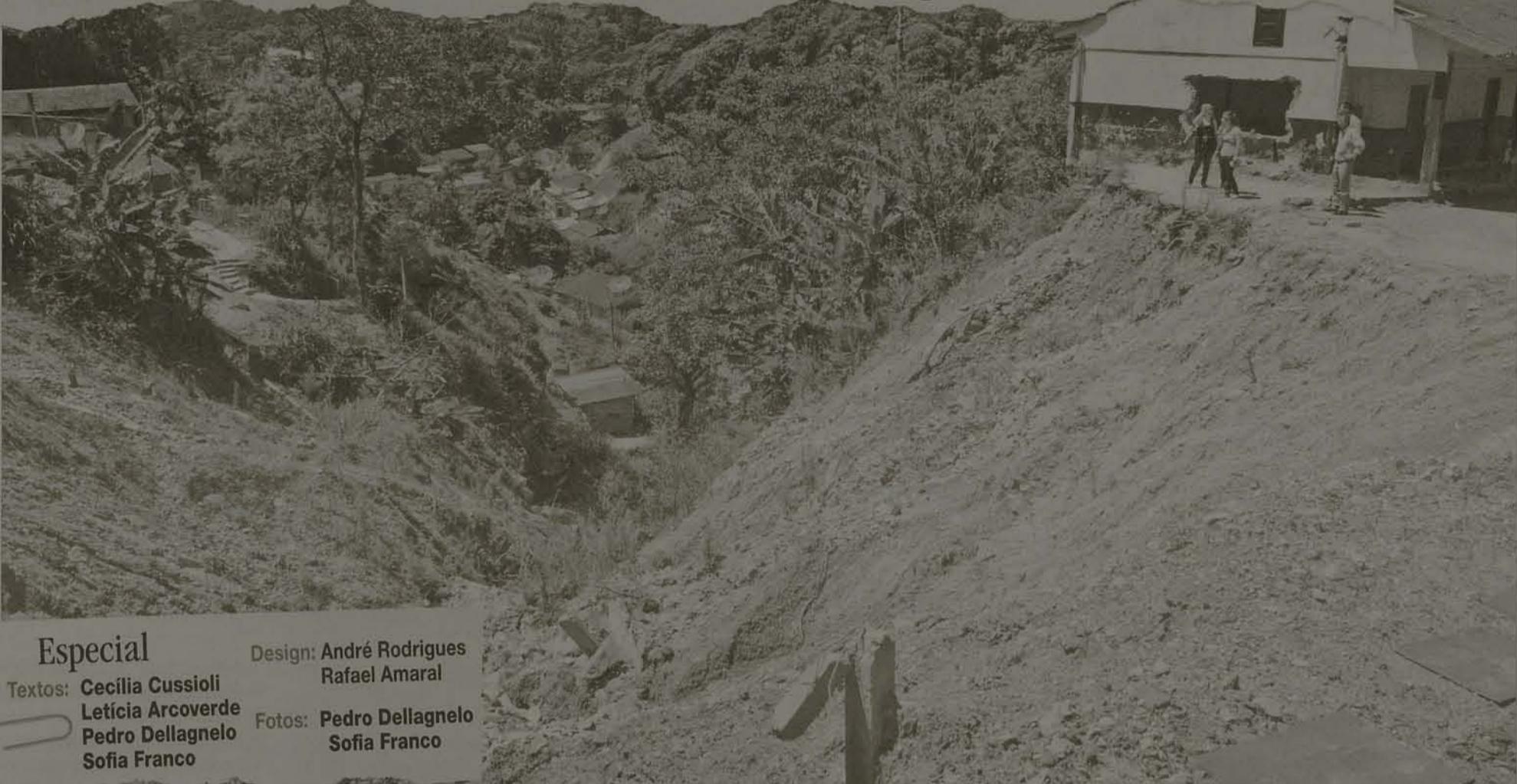
Mas também é verdade que o governo de Salvador Allende foi sabotado numa conspiração entre o governo dos Estados Unidos e os militares chilenos, inclusive, com apoio do governo brasileiro, conforme documentos registrados no Departamento de Estado dos EUA e acessíveis pelo site *history.state.gov*.

Para Rampinelli, Allende cometeu seus erros, mas as sanções econômicas contra seu governo foram fundamentais para enfraquecê-lo. "Os EUA jogou mais dinheiro para derrubar Allende que para as eleições internas. A estratégia era fazer a economia gritar".

Luis Cortés Villa acredita que se não fosse essa intervenção, o Chile seria "a imagem e semelhança de Cuba, com duas guerras perdidas, famintos que vivem da caridade internacional e com ameaça permanente de guerra civil". Ele ainda afirma que "o governo de Pinochet é uma história que nos enche de orgulho. O tempo nos dará razão".

Ignacio González López é mais realista que Villa. "Não posso pedir que as famílias dos mortos durante o governo militar recordem dele com carinho. Entretanto a situação é dividida, metade do país lembra do general com agradecimento, a outra metade não".

# Blumenau: reconstrução e vigília



Especial

Textos: **Cecília Cussioli**  
**Leticia Arcoverde**  
**Pedro Dellagnelo**  
**Sofia Franco**

Design: **André Rodrigues**  
**Rafael Amaral**

Fotos: **Pedro Dellagnelo**  
**Sofia Franco**

As chuvas abriram uma cratera no terreno da Escola Básica Municipal Júlia Strzalkowska, no bairro Valparaíso. Mesmo com a área condenada pela Defesa Civil, moradores da região querem que o colégio seja reconstruído no mesmo lugar

## Os 600 mm que derrubaram a cidade

Um ano depois, poucos sinais de recuperação: apesar das ações da prefeitura, sobram escombros e improviso

Falar sobre Blumenau é falar de dois períodos diferentes, o antes e o depois da tragédia de novembro do ano passado. Em especial, três dias desse mês, 21 a 23, as 72 horas em que choveu mais que o esperado para o mês inteiro. Acostumada e preparada para lidar com enchentes, a cidade nunca havia presenciado deslizamentos tão graves.

Dos 135 óbitos causados pelas chuvas em 16 cidades catarinenses, 24 foram em Blumenau — número que só não foi maior porque a Defesa Civil já havia começado a retirar pessoas das áreas de risco semanas antes. Segundo a prefeitura, 20 mil foram atingidas pelas chuvas. Dessas, 5400 deixaram suas casas e ficaram em 63 abrigos montados em escolas, clubes e igrejas, e dez mil famílias se cadastraram para receber auxílio financeiro.

Um ano depois, as consequências dos deslizamentos ainda podem ser vistas em vários pontos da cidade. Alguns barrancos já foram tomados por vegetação nova, e alguns lugares onde ruas inteiras foram levadas pela terra ganharam caminhos improvisados. Para trabalhar na prevenção de novos desastres, a Prefeitura de Blumenau tenta se adaptar. Criou a Diretoria de Geologia, que analisa as áreas de desmoronamento para ver quais ainda oferecem risco e notificar os moradores. Está conside-

rando mudanças no plano diretor e no código ambiental para priorizar a verticalização das construções e aumentar a área de proteção ambiental. Também formou a Central da Reconstrução, força-tarefa que pretende revisar os dez mil cadastros de atingidos para retirar pessoas de casas condenadas ou áreas de risco.

Criada em maio, a Central tem 20 pessoas de diversas secretarias. Até agora, a equipe já fez dois mil relatórios de casas em áreas de risco, sendo que 60% já estavam destruídas ou rachadas. A consultora da Central, Neusa Felizetti, que acompanhou de perto os trabalhos na época das chuvas, diz que a prioridade é de quem precisa usar políticas de habitação, como o auxílio-aluguel, no valor de R\$ 300, ou o uso das moradias provisórias. A Central também possui um trabalho de monitoramento de áreas de risco quando chove, pois muita gente não saiu de suas casas mesmo após a condenação da área. No entanto, Neusa diz que a maioria tem consciência do perigo: “Quando chove, eles saem e vão para casa de parente ou amigos.”

Uma sétima moradia provisória foi criada em outubro deste ano, e outras nove famílias já foram realocadas. Em um ano, as lembranças da tragédia ainda estão muito visíveis, seja nos

escombros encontrados na beira da estrada ou nas sete moradias que ainda são o único lugar que 324 famílias têm para morar. Para Neusa, não há como definir hoje quanto tempo Blumenau demoraria para se recuperar: “A cidade nunca mais será a mesma. Só daqui a mais 150 anos de história para saber”.

### Geografia peculiar

A enchente em Tubarão, em 1974, as fortes chuvas que alagaram o Vale do Itajaí, em 1983, o furacão Catarina, em 2004. Nas últimas quatro décadas, pelo menos dez desastres naturais de grandes proporções ocorreram em Santa Catarina. Ao todo, foram mais de 400 mortes e cerca de 650 mil pessoas desabrigadas nesses episódios. O ano de 2008 se junta a eles, e traz um agravante: os desabamentos.

Em Blumenau a história tornou-se comum. Famílias que perderam tudo nas enchentes de 1983 e 1984, decidiram reconstruir suas casas nos morros, como alternativa às cheias do rio Itajaí. “O município já estava preparado e acostumado com as enchentes, o que ninguém esperava é que a cidade viesse

abaixo”, explica Neusa Felizetti, consultora da Central de Reconstrução de Blumenau. Para especialistas, características do solo e do relevo e condições climáticas anômalas foram os responsáveis pela tragédia.

A região sul do país é uma fronteira climática, ou seja, área que sofre influência de diversas massas de ar. O encontro entre massas quente e fria causou precipitações que se intensificaram com a presença de um anticiclone que trazia umidade do litoral. O Centro de Informações Ambientais e de Hidrometeorologia de Santa Catarina (Ciram/Epagri) esperava 180 milímetros de chuva por mês. Mas entre os dias 21 e 23 de novembro, choveu 200 milímetros por dia. “Este era um ano de La Niña, ou seja, esperava-se chover pouco. Com esta combinação excepcional de fatores, não foi possível prever com muita antecedência”, justifica o meteorologista do Ciram, Marcelo Martins.

No município de Blumenau, houve ainda outro agravante: o relevo. O solo da parte norte da cidade é formado pelo complexo migmatítico de Santa

Catarina, um tipo mais estável e com menos morros. Já ao sul, a formação por rochas sedimentares do grupo de Itajaí faz com que o relevo seja mais acidentado, e o solo de alta fragilidade. Segundo Mauricio Pozzobon, da Diretoria de Geologia, os três meses de chuvas ininterruptas que antecederam o desastre enfraqueceram a terra, que sofreu todos os movimentos possíveis de massa causados por água. “Esses movimentos sempre existiram e sempre vão existir. A cidade se instalou em uma janela temporal em que não ocorreu nada [deslizamentos], mas 150 anos de história é pouco na escala geológica”, explica.

Em novembro de 2008, Blumenau oficializaria o Plano Municipal de Redução de Riscos, um estudo geológico do relevo da cidade, mas a cerimônia foi cancelada. Realizado através do Ministério das Cidades, o estudo analisou 17 áreas ao longo de quatro anos, a maioria ao sul da cidade, onde estão as áreas que o Ministério considera “assentamentos precários”: áreas de baixa renda, com ocupação ilegal, as mais sujeitas a riscos. As chuvas do mesmo mês causaram deslizamentos em três mil pontos da cidade, 65% dos quais estavam nas áreas pesquisadas.

Cecília Cussioli  
Leticia Arcoverde

Espera em família

Da antiga rotina, apenas o café da manhã com os filhos e netos Dona Zélia manteve. Toda manhã, as duas filhas de Zélia Rodrigues da Silva sobem até o apartamento da mãe, no Cesblu. Desde novembro, a família deixou a casa onde morava, para só em março serem encaminhados para a moradia. Antes, ficaram na casa de uma conhecida, em uma igreja e em um colégio.

Dona Zélia já passou por situação parecida em 1983. Na ocasião, Blumenau foi uma das cidades mais atingidas pela enchente do rio Itajaí-Açu, que desabrigou 270 mil pessoas em Santa Catarina. "Hoje, a situação é diferente. Construí minha casa no morro para não perdê-la novamente por causa da água, mas nunca imaginamos que fosse cair. Eu era mais nova e tinha mais força para reerguer a vida. Agora, sou doente e não posso mais trabalhar", compara. Aos 59 anos, Dona Zélia sofre de pressão alta, diabetes, coração dilatado e precisa fazer uma cirurgia na vesícula. O barulho, o calor e a falta de limpeza da moradia são fatores que agravam seu quadro de saúde. "Vivemos de improviso e no desespero, qual quer barulhinho acordamos no susto", revela, ao lembrar do pequeno incên-

dio que ocorreu há menos de um mês, na cozinha comunitária. A neta, de seis anos, não consegue ficar sem calçados nem por um minuto. "Ela tem medo que o desastre volte a acontecer e todos tenham que sair correndo novamente", conta Eliane Padilha, filha de Dona Zélia.

Para cuidar da assistência psicológica, a prefeitura colocou à disposição das famílias psicólogos e educadores sociais. "Eles levantam nosso astral, mantêm a gente vivendo", elogia Dona Zélia. Mesmo assim, Eliane não tem coragem de deixar os filhos sozinhos por causa da falta de segurança.

Desde que se mudou para o Cesblu, Eliane deixou a atividade de diarista, diminuindo o orçamento pela metade. O dinheiro que deixou de gastar com as contas de luz, água e gás está quitando dívidas antigas e servirá para financiar as habitações que a prefeitura está construindo. "Sei que vou passar no mínimo três anos aqui. É o tempo que teremos para juntar dinheiro e poder ter uma casa de novo". Ao contrário da filha, Dona Zélia já perdeu as esperanças: "Acho que vou morrer aqui. Tem coisa que a gente quer esquecer, mas todo dia somos obrigados a lembrar. A nossa vida parou".



Moradias improvisadas servem de casa para 324 famílias há um ano

Em março, com um mês de atraso, as atividades escolares em Blumenau precisavam voltar à normalidade. As escolas e ginásios que serviam de abrigo começaram a ser desocupados e as mais de 300 famílias que não tinham onde morar foram realocadas para seis moradias provisórias em diferentes pontos da cidade, equipadas pela prefeitura para recebê-las. Cada família ganhou um espaço com metragem de acordo com o número de integrantes. Um casal com até quatro filhos, por exemplo, recebeu 25m<sup>2</sup> divididos em três cômodos. Os banheiros, a lavanderia e as áreas de lazer são espaços comuns. Por medida de segurança, é proibido cozinhar dentro dos cômodos. A prefeitura doou para cada família um fogareiro de duas

bocas, instalados na cozinha coletiva que, diferente da maioria dos apartamentos, possui janelas. Despesas como água, luz e gás são pagas pela prefeitura. Cada moradia aprovou um regimento interno que determina regras como a hora do silêncio à noite ou a proibição de bebidas alcoólicas. Além de 120 educadores sociais que fazem rodízio para acompanhar o que acontece 24 horas por dia, cada moradia possui um coordenador, que tem um papel parecido com o de síndico.

Quem está nas moradias teve que cumprir algumas exigências: residir em Blumenau antes do dia 23 de novembro de 2008, possuir laudo da Defesa Civil de interdição da sua casa, e não ser proprietário de outro imóvel. O Zero visitou duas moradias pro-

visórias: a do bairro Garcia, conhecida como Cesblu (antigo Centro de Educação Superior de Blumenau), onde vivem 115 famílias, e a de Itoupava Norte II, localizada num antigo depósito de uma loja de pisos, onde moram 38. Neste especial, estão algumas histórias de quem divide o dia a dia com dezenas de outras pessoas; de quem não aguentou e procurou um lugar para morar; de quem perdeu tudo e tenta recuperar como pode; e de quem não quer deixar sua casa, mesmo após avisos da Defesa Civil. Um ano depois da tragédia, são as histórias dessas pessoas que compõem a nova história de Blumenau.

Cecília Cussioli  
Leticia Arcoverde

Solução polêmica

Num terreno do bairro Ribeirão Fresco, com uma cerca onde as iniciais MAD estão pintadas, 23 famílias construíram casas simples. O Movimento dos Atingidos pelo Desastre foi criado ainda nos abrigos, onde milhares de pessoas ficaram logo após a tragédia. Não é o mesmo que as moradias provisórias, para onde foram as pessoas que ainda estavam desabrigadas em março desse ano. Dona Lourdes, seu marido e seus três filhos eram uma dessas famílias. Ficaram na moradia do Cesblu até agosto, quando ela decidiu que não poderia mais morar com o barulho, as brigas e a dificuldade para dormir. De um, passou para três tipos de antidepressivo. O marido já havia se mudado para a ocupação do MAD, e dona Lourdes viu que não ia aguentar sozinha com os três filhos. "Mas eu sinto vergonha. A gente sabe que não é da gente", desabafa.

O terreno, ocupado em fevereiro por 14 famílias, era um camping público e um espaço de lazer para as crianças do bairro. Segundo um dos líderes do movimento, Nicácio Antônio Mariano, a organização já existia nos abrigos desde dezembro, com a orientação de sindicatos como o Sinseps, dos servidores do ensino superior e o Sindetranscol, do transporte coletivo. Quando perceberam que as reivindicações do MAD à prefeitura não seriam cumpridas — como casas gratuitas para quem não tivesse como pagar —, resolveram ocupar o terreno. A prefeitura pediu reintegração de posse, mas o desembargador Domingos Paludo decidiu a favor dos desabrigados. Hoje, há luz elétrica e linha telefônica nas casas, e o correio chega no endereço da Associação dos Moradores do Vale do Ribeirão Fresco, onde as famílias ficaram inicialmente.



Nova oportunidade

Avó, mãe, filha e neto. Quatro gerações de uma família que continuou a crescer dentro das moradias. Paola Cristina Corrêa engravidou durante a situação de emergência, enquanto estavam abrigados na Escola Petraus. A gestação tornou-se, a princípio, um agravante à situação provisória da família. "Não sabíamos para onde ir, se sairíamos correndo ou se ainda havia riscos. Ficava imaginando ter de passar por todo o sufoco que passei ao deixar minha casa, só que grávida", lembra.

Em março, a família de Paola — ao todo, 12 pessoas —, se mudou para o Cesblu. Há um mês, nasceu Nicolas, que ainda tem dificuldades de dormir com o barulho das 115 famílias que dividem a moradia. Para mãe de Paola, Sandra Regina, o novo integrante da família é o mais sortudo. Hoje, aos 60 anos, ela prefere dividir o espaço com outras famílias, das quais muitas já conhecia, a ter que voltar para o morro e enfrentar os problemas gerados pelo tráfico. "De maneira nenhuma eu quero dizer que a tragédia foi uma coisa boa, mas para a minha família foi um recomeço. Antes, não queria sair de onde morávamos, saímos a Deus-dará, quando já tava desmoronando. Hoje, não quero voltar", comenta. Em seguida, pergunta a uma das educadoras qual será o horário da próxima atividade recreativa para as crianças. "Quero entrar e dormir um pouco, aqui tenho certeza que vai ter alguém olhando as crianças". Ao todo, a prefeitura contratou 120 profissionais que receberam treinamento para realizar atividades diárias, como oficinas de pintura, crochê e artesanato, jogos de tabuleiro e brincadeiras educativas. Os profissionais especializados em psicologia e assistência social ficam no prédio da Secretaria Municipal da Assistência Social, da Criança e do Adolescente (Semascr) e atendem moradores que são encaminhados pelo coordenador de cada lugar.



Preocupação constante

A cada princípio de chuva, Irene Maria Garcia e o marido deixam o quarto onde dormem e passam a noite em um cômodo no lado oposto da casa. Em novembro do ano passado, a parede do dormitório do casal foi atingida pelo desmoronamento da casa vizinha. "Hoje dormimos assim, com um olho aberto e outro fechado", relata. Quando a chuva se intensifica, o casal pede abrigo aos parentes, como à irmã, que os abrigou durante os primeiros meses que sucederam o desastre. Um morro no bairro Progresso cedeu e atingiu quatro casas próximas à encosta. A residência vizinha à do casal ficou completamente coberta por terra, junto com o carro e os animais de estimação. A de Irene perdeu apenas o muro, mas se tornou extremamente vulnerável. A Defesa Civil alertou o casal: qualquer movimento de terra pode atingi-los.

Além dos Garcia, a Central de Reconstrução tem cerca de duas mil famí-

lias para retirar de outras áreas de risco. "Não podemos exigir que abandonem a casa que conquistaram com o trabalho de uma vida inteira. Temos que alertá-los e monitorá-los, respeitando o tempo de cada um", pondera Neusa Felizetti, consultora da Central. Mesmo ciente da possibilidade de novos deslizamentos, Irene considera que ficar na casa ainda é a melhor solução. "Não posso viver de favor a vida inteira, o aluguel em Blumenau é absurdo, e as moradias provisórias nem pensar. A gente vê cada coisa horrível na televisão. Gente que perdeu tudo e rouba de outros nas mesmas condições. Isso não é vida".

Enquanto um trator retirava parte do carro debaixo da terra, Irene relatava: "Minha antiga vizinha veio hoje ver o resto da casa dela ser demolida, mas não aguentou o choque e passou mal. A sensação de impotência é desesperadora e sei que poderia ser comigo. Ainda pode".



Ganha-pão perdido

O problema é o calor, a falta de uma janela e o filho dos outros. Para Esaltina Pereira, a Dona Esaltina, a maior parte das brigas na moradia provisória Itoupava Norte II acontece por causa das 55 crianças que, quando não estão na escola, estão brincando nos corredores. São 38 famílias que dividem o mesmo espaço separado apenas por paredes finas de madeira, incapazes de vedar o barulho de choro de criança, discussão de casal ou da televisão. Debaixo do teto de amianto é muito quente e, às vezes, as coisas deixadas na área comum nos fundos da moradia somem. É ali que Dona Esaltina passa a tarde, já que não pode mais trabalhar por causa de um problema na coluna.

Ela divide o cômodo de quarto e sala com o filho Raí, de 13 anos. Antes, os dois viviam numa casa de três andares, com três inquilinos que garantiam à família uma renda mensal de R\$ 1500.

Após trabalhar a vida inteira como empregada doméstica, hoje ela recebe R\$ 450 de aposentadoria por invalidez. Levou 14 anos para construir a casa que ainda estava sendo reformada. "Tudo que eu ganhei eu coloquei lá". O que não foi destruído pelo desabamento, foi saqueado depois, como as louças que ganhou dos patrões quando trabalhou "em casa de gente rica". Cozinha de mão cheia, Dona Esaltina chegou a cozinhar quatro refeições por dia para as 127 pessoas que moravam no abrigo onde ficou até o dia 8 de março, antes de ir para a moradia provisória. Ela agradece a Deus por ter um lugar para morar, mas admite: "A gente não tem vida própria". Antes, sonhava em montar um pequeno negócio para vender pastelzinho e bolinho de carne frito. Hoje, quer ao menos sair dali para os apartamentos que serão construídos para os desabrigados.

# Burocracia empaca primeiras obras

Com verba de doações e crédito da Caixa, prefeitura espera construir 2 mil apartamentos para desabrigados

A partir do ano que vem, quando as casas e apartamentos da reconstrução começarem a ser entregues em Blumenau, duas mil famílias poderão por fim ao drama que se arrasta desde novembro de 2008. Com os R\$ 8,2 milhões de doações repassados pelo governo estadual em abril, a prefeitura comprou dez terrenos para a construção das novas moradias. O financiamento dos apartamentos será realizado através do programa *Minha Casa, Minha Vida*, da Caixa Econômica Federal, sob aprovação do cadastro da família desabrigada. Para o melhor aproveitamento do espaço, a Secretaria de Habitação do município, responsável pela administração projeto, priorizou a verticalização das áreas. As obras foram iniciadas em apenas um dos terrenos e a primeira unidade, a ser entregue no próximo trimestre, abrigará 160 famílias.

Evandro Mayer, arquiteto da Secretaria de Habitação, atribui o atraso das construções à burocracia e à busca por áreas adequadas. "Têm que ser locais passíveis de habitação, com área escriturada. Muitos terrenos da cidade estão localizados em áreas de risco e são negociados com contratos de gaveta [acordos firmados diretamente entre as partes, sem divisão formal do terreno]" explica. Quem determina a viabilidade dos terrenos é a Diretoria de Geologia, criada após o desastre, que conta com o trabalho de três técnicos. A equipe trabalha na ampliação e atualização do Plano Municipal de Redução de Riscos, no estudo sobre a geologia de Blumenau realizado entre 2006 e 2008, sob encomenda do Ministério das Cidades. Até agora, foram analisadas cinco grandes zonas, onde já foram propostas demolições e interdições de casas. Maurício Pozzobon, biólogo da Diretoria, ressalta a importância da análise desses terrenos: "A cidade tem duas unidades, norte e sul, que têm características completamente diferentes. Foi feita uma avaliação em 17 grandes áreas que, por ironia do destino, teve a apresentação cancelada pelos deslizamentos em 2008. No novo programa, analisaremos outras 35 macro áreas".

Depois de encontradas os locais para construção, uma comissão de avaliação do município inspeciona a compra antes de encaminhar os documentos de financiamento à Caixa Econômica Federal. Enquanto isso, o terreno é decretado pela prefeitura como uma Zona Especial de Interesse Público (ZEIS), para que determinadas regras de zoneamento da cidade possam ser ignoradas. Para reduzir o valor final e as prestações de cada unidade, a Secretaria de Habitação desmembra partes do terreno que não serão utilizadas devido ao seu relevo irregular. As licitações para a construção das obras foram abertas em abril, mas apenas em setembro de 2009 as construtoras selecionadas apresentaram os projetos dos condomínios residenciais, aprovados pela Caixa em outubro.

## Mercado imobiliário

Além da burocracia, outro obstáculo encontrado para a viabilização dos apartamentos foram as negociações com os proprietários dos terrenos, mediadas pela prefeitura. "Nada foi desapropriado, mas o acordo não poderia ser o de mercado. Se um dono pedisse R\$ 2 milhões pelo seu terreno, já inviabilizaria a compra dos outros" pondera Mayer. Ele relata que o desastre aumentou a especulação imobiliária no município, fazendo com que o valor dos terrenos e dos aluguéis de imóveis subisse drasticamente. Para Soraia Vasselai, delegada do Sindicato dos Corretores de Imóveis de Santa Catarina, o aquecimento do mercado imobiliário de Blumenau se insere em um contexto nacional de surgimento de programas de crédito para construção, como o *Minha Casa, Minha Vida*. Entretanto, ela reconhece que o desastre mexeu no preço dos terrenos da cidade "Em alguns lugares houve desvalorização de até 30%, que foi compensada pela valorização de outras áreas. Tinha investidor achando que seu terreno valia ouro". O metro quadrado de algumas áreas chegou a subir de R\$ 10 para R\$ 30 depois de novembro de 2008, mas Soraia acredita que um ano após os deslizamentos o mercado está voltando à normalidade.

Atrasados, os novos complexos não têm previsão de implantação da infraestrutura social necessária, como escolas, creches, postos policiais e de saúde. Mayer afirma que o mapeamento para essas áreas — algumas bastante distantes do local de origem das famílias — deve acontecer paralelamente à construção, mas ainda não teve início. A técnica responsável pela Central de Reconstrução, Neusa Felizetti, avalia que a escolha da prefeitura por não desapropriar áreas em regiões mais favorecidas da cidade foi política: "É mais fácil criar guetos que indisposição na cidade".

Não é certo que todas as famílias desabrigadas terão acesso ao financiamento da Caixa, pois os critérios de avaliação do *Minha Casa, Minha Vida* são extremamente rigorosos. "Por ser um banco, a Caixa visa o lucro. Tem pessoas que perderam tudo no desastre, e não têm nenhum bem, por exemplo, para dar de garantia", esclarece Mayer. Mesmo com a entrega de dois mil novos apartamentos prevista pela prefeitura, o déficit habitacional da cidade de 20 mil pessoas, que já existia antes da tragédia, não será resolvido. O cadastro dos atingidos pelo desastre conta com cerca de dez mil pessoas, e cerca de outras dez mil vivem hoje em locais irregulares ou em situação de risco. "Como muitas outras cidade brasileiras, em Blumenau houve uma concepção equivocada de ocupação. Não dá para resolver o problema de um dia para o outro", analisa Maurício Pozzobon.



## Para onde foram os R\$8 milhões

Com doações repassadas pelo governo do estado, a prefeitura de Blumenau comprou os terrenos para a construção de moradias aos desabrigados. Os R\$ 8,2 milhões foram usados para a aquisição de dez áreas espalhadas pela cidade, após avaliação de uma equipe da Secretaria da Habitação e da Diretoria de Geologia para garantir a segurança do solo.

Os apartamentos serão financiados através do programa *Minha Casa, Minha Vida* da Caixa Econômica Federal.

Por opção da prefeitura, nenhum terreno foi desapropriado, o que levou à compra de zonas na periferia da cidade, muitas vezes sem a infraestrutura social necessária. Alguns desabrigados poderão, também, ser relocados para partes

diferentes da cidade em relação a onde moravam. Segundo Neusa Felizetti, consultora da Central da Reconstrução, esse deslocamento irá gerar "um novo grande problema [de urbanismo]".

Atualmente apenas um dos prédios, com capacidade para 160 famílias no bairro Badenfurt, começou a ser construído e tem previsão de entrega para 2010.

Sofia Franco  
Pedro Dellagnelo

# UFSC vence com barco movido a luz

Equipe de Engenharia fica em 1º lugar no Desafio Solar Brasil e pode competir na Holanda no ano que vem

Conhecimento e trabalho em grupo. Esses fatores foram decisivos para garantir a participação da UFSC, em 2010, no principal evento de competição entre barcos movidos a energia solar do mundo, o *Frisian Challenge*, na Holanda. A equipe da universidade conseguiu o feito ao vencer o Desafio Solar Brasil na categoria Catamarã (embarcação com dois cascos), realizado em outubro, na cidade de Paraty, litoral fluminense. A corrida envolveu 12 competidores e foi promovida pelo Polo Náutico da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Além de não contarem com alunos de engenharia naval, como a maioria dos outros times, os representantes de SC foram os únicos participantes de outro estado.

“Esse evento foi de grande importância para instigar o país a desenvolver tecnologia”, comenta o estudante de Engenharia Elétrica Lucas Nascimento, membro da equipe do barco Vento Sul, que conquistou o passaporte para a disputa internacional. O projeto foi desenvolvido no Laboratório de Energia Solar do Departamento de Engenharia Mecânica (Labsolar) e incluiu também alunos das engenharias civil, de produção elétrica e de produção mecânica. O engenheiro naval do Polo Náutico da UFRJ, Rafael Botelho, afirma que a vitória da UFSC não foi uma surpresa: “Já esperávamos um desempenho bom, eles têm conhecimento na área de eficiência em energia”.

Os barcos que navegaram nas águas de Paraty possuem duas inovações significativas. A primeira delas é a movimentação através da energia elétrica, que substituiu o óleo diesel e não produz dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>) resultante da queima do óleo. A segunda



Júlio Ettore Suriano

Painéis fotovoltaicos convertem energia luminosa em elétrica ao serem atingidos por fótons, o que elimina resíduos como o gás carbônico

é a forma de se obter essa eletricidade. Ao invés de baterias tradicionais, são utilizadas grandes placas feitas de silício, conhecidas como painéis fotovoltaicos. Essas placas convertem a energia do Sol (energia luminosa) em corrente elétrica ao serem atingidas

por fótons (unidade básica da luz).

Se é tão fácil, então por que não substituir todos os motores movidos a óleo? Para Ricardo Rütter, professor do departamento de Engenharia Civil da UFSC e especialista em sistemas fotovoltaicos, o problema está

no custo de produção. “O silício, que pode ser encontrado na areia, é o segundo elemento mais abundante na Terra, depois do oxigênio. Mas ele é coletado com uma série de impurezas e a ‘limpeza’ encarece seu processo de obtenção”, esclarece o pesquisador.

Rütter explica ainda que, com pouca viabilidade econômica, cai-se em um ciclo vicioso, pois sem a produção em escala não há barateamento e vice-versa. “Mas algumas medidas têm sido tomadas, como o avanço da pesquisa. Nossa expectativa é que de 5 a 10 anos, em algumas regiões do Brasil, já haja alternativas financeiramente viáveis em conversão fotovoltaica”, considera.

Lucas defende que a conversão não pode ser avaliada apenas pelo preço. “A soma também deve levar em conta o impacto ambiental que é anulado”, argumenta. “O Brasil não utiliza praticamente nada do seu potencial energético solar”, completa Rütter. Para mudar esse quadro, são necessárias duas medidas: informação para que os tomadores de decisões do país resolvam investir e redução de custo, o que também depende de investimentos.

O custo total do Barco Vento Sul foi de R\$ 40 mil. Pouco menos de um quarto dessa verba foi patrocinada pela Tractebel Energia - empresa do grupo belga GDF Suez, que mantém 17 usinas em operação e três em construção no país. Outras três companhias apoiaram o projeto fornecendo alguns equipamentos. O valor restante foi dividido entre os membros do grupo. Se a UFSC quiser participar do *Frisian* no ano que vem, a equipe da universidade terá que construir outra embarcação, adequada aos padrões da prova. Essa não será a primeira vez que o país disputará o *Frisian Challenge*. Em 2008, o Brasil encerrou a competição em sétimo lugar. Ao todo, eram 48 concorrentes.

Júlio Ettore Suriano

## Ensino público Ensino público testa 350 projetores de SC

Projeto piloto introduz aparelho multimídia, de baixo custo, que vai ser utilizado por todas as escolas do país

Um projetor integrado a um computador, com teclado, mouse e apresentador multimídia integrados numa única peça de tamanho reduzido e com custo abaixo de R\$ 2 mil. Esse é o “Projetor ProInfra”, desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em parceria com a Fundação Certi, a partir de 2007, conforme uma solicitação da Secretaria de Ensino à Distância do Ministério da Educação (MEC).

O resultado é um equipamento que pesa aproximadamente cinco quilos, precisa de apenas um cabo para ser conectado na tomada e leva dois minutos para funcionar. O projetor foi feito para suportar o funcionamento contínuo nas escolas, possui caixas de som acopladas e permite conexão *wireless*.

Conta ainda com um pequeno teclado que fica na lateral para facilitar o uso pelo professor, duas entradas para USB e um mouse.

O plano do MEC é introduzir o projetor em todas as escolas públicas brasileiras. No ano passado, através de uma parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis e do Núcleo de Tecnologia Educacional, o equipamento passou por dois ciclos de testes em três diferentes escolas municipais da capital e surpreendeu alunos e professores. Estes testes foram importantes para avaliar a adequação do aparelho em sala de aula, usado pelo professor. A partir daí foram feitas algumas alterações que melhoraram a sua funcionalidade e, em seguida, foi apresentado ao MEC no final de 2008.

Atualmente, o projeto se encontra em fase piloto e está sendo testado em cerca de 350 escolas indicadas pelas secretarias estaduais e municipais de educação. A diretora da Escola Básica Municipal Donícia Maria da Costa, de Florianópolis, Ivanisse Pires Basto, recebeu o aparelho em 11 de novembro. A instituição firmou um acordo com a Secretaria Municipal de que garante o uso do projetor por cinco anos.

A coordenadora da sala informatizada da mesma escola, Joelma Di Domenico Massaro, reuniu os professores para avaliar o aparelho. “O projetor é de fácil manuseio e não complica os docentes por não ter inúmeros fios”. A equipe de desenvolvimento do equipamento explica que levou em consideração vários fatores importantes,

como a distância entre o projetor e a tela, a luminosidade das salas de aula e a compatibilidade entre os diferentes sistemas. A maioria dos PCs nas escolas possui o sistema Linux, mas o equipamento permite abrir arquivos feitos em programas do Windows, da Microsoft. “Tivemos a preocupação de ir além da tecnologia, apresentando um produto que fosse acessível ao público alvo do projeto”, afirma o Superintendente Comercial da CERTI, Laércio Aniceto Silva.

Para ensinar os professores a usarem o projetor, o Ministério da Educação já dispõe de uma série de iniciativas voltadas para a capacitação dos docentes no uso de tecnologias, como o site e-ProInfo e o Portal do Professor. Em Florianópolis, há também o

trabalho dos Núcleos de Tecnologias Educacionais, que organizam cursos e seminários voltados para os professores da rede municipal de ensino. O equipamento leva um manual de uso e, em breve, haverá um DVD com vídeos de treinamento produzido pela TV UFSC.

A meta do governo é disponibilizar o projetor em 26 mil laboratórios de informática nas escolas da rede pública e capacitar 218 mil professores no uso das tecnologias na educação. A compra do aparelho será feita através de licitação. A data de entrega está prevista para o início do ano letivo de 2010.

Rafael Wiethorn

# Artistas apostam na interação entre cegos e obras de arte

## Música é opção para inclusão social de surdos

Exposição tátil “Mundos Tangíveis” é a segunda mostra de projeto da Udesc que visa a formação estética e a integração de deficientes visuais aos museus de Florianópolis

Fotos: Jessé Torres

É comum chegar a uma exposição de artes e se deparar com o aviso: “Proibido tocar nas obras”. A mostra *Mundos Tangíveis – exposição tátil*, aberta de 4 de novembro a 9 de dezembro na Galeria Municipal Pedro Paulo Vecchietti, em Florianópolis, poderia muito bem apresentar a recomendação: “Por favor, toque nas obras”. Apesar de não haver nenhuma instrução, quem entra na sala onde estão as seis peças de Alfonso Ballesterro e os “brinquedos” de madeira de Michel Groisman sente-se impelido a tocar, mexer e sentir.

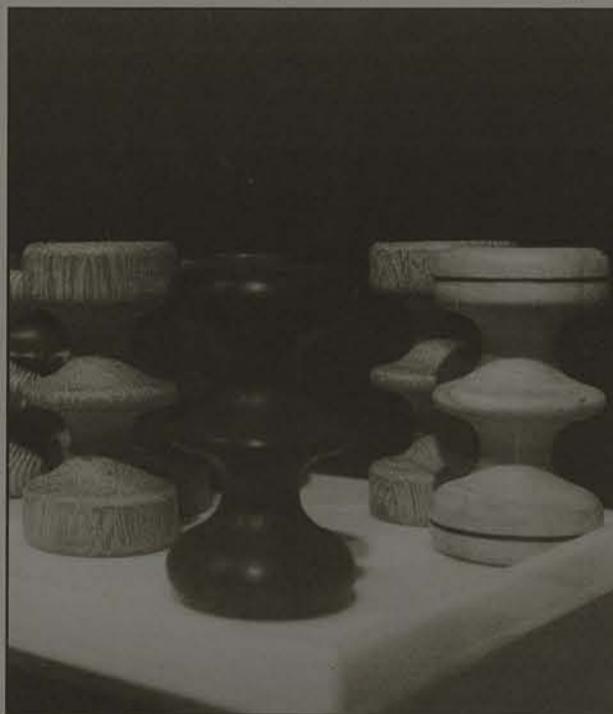
Os dois artistas foram convidados pela coordenadora do projeto “Formação Estética do Público Cego – Museu e Inclusão Social”, Maria Cristina da Silva, professora da Universidade Estadual de Santa Catarina (Udesc). A iniciativa surgiu em 2006, mas naquele ano o projeto ainda era tímido, e se restringia à tentativa de produzir material em Braille para as exposições. “Vimos que havia o material (etiquetas e catálogos), mas não o público”. Em 2007 e 2008, com apoio financeiro da Udesc, o grupo ligado ao projeto passou a realizar maquetes táteis, a promover encontros mensais com deficientes visuais, e a levá-los a vários espaços culturais da cidade. Em 2008, o projeto recebeu financiamento do edital ProExt, do Ministério da Cultura, o que levou à concretização de exposições como a realizada em agosto com obras das artistas Jussara Maria da Silva e Rosana Bortolin, e a que acontece agora.



Voluntários e os dois artistas da mostra experimentam a “Máquina de Desenhar” de Groisman: o diálogo do corpo em movimentos interligados



“Hola”, de Alfonso Ballesterro, abusa das formas e convida ao toque



Os andadados de Michel Groisman são como brinquedos para os dedos

formações (nome, artista e ano em que foram produzidas) tanto em caracteres impressos como em Braille.

As esculturas e telas foram feitas entre 2000 e 2003, mas Ballesterro não parou de produzir materiais para o público cego. Recentemente ele desenvolveu uma série de xilogravuras (técnica de gravura que utiliza madeira como matriz para a reprodução sobre papel ou outro material) táteis.

### Diálogo intracorporal

Enquanto Alfonso Ballesterro está acostumado a trabalhar com deficientes visuais, o artista carioca Michel Grois-

man revela que ficou muito entusiasmado quando recebeu o convite para criar para o projeto. Para ele, essa era uma oportunidade de desenvolver obras que levassem ao diálogo de cada um com o seu corpo, mas que não se restringissem ao público deficiente. “Todos têm deficiências que nos impedem de estar em contato com os outros”, defende Groisman.

O contato entre as pessoas é o que move a “Máquina de Desenhar”, uma de suas obras em exposição em Florianópolis. Composta por placas de madeira unidas por lápis de cera, a estrutura é colocada sobre uma grande folha de

papel. Cada pessoa segura um lápis de cera e os movimentos combinados dos participantes criam desenhos sobre a folha.

Groisman também criou a série “Andadados”: são pequenas peças de madeira que se assemelham a carretéis de linha. Feitos a partir de diferentes madeiras - algumas com cheiros - os andadados “funcionam” com o movimento dos indicadores que, encaixados nas peças, fazem-nas girar.

Tudo pensado para incitar os sentidos – além da visão.

O Simpósio de Educação Musical Especial ganha sexta edição em São Paulo, nos dias 19, 20 e 21 deste mês. Tem como objetivo reunir profissionais da área médica e pedagógica para discutir assuntos relacionados à inclusão social a partir do ensino de música. Pessoas com deficiência auditiva severa podem não ouvir o que está acontecendo, porém, através das vibrações, são capazes de entender as intenções musicais.

O campo é ainda pouco explorado no Brasil. Mas segundo Viviane Louro, autora do livro “Educação Musical e Deficiência: Propostas Pedagógicas”, tende a seguir o exemplo de outros países e crescer em importância. “Música é importante para todos, sem exceção. Inclusive para os surdos.”

O professor Dean Shibata, do Departamento de Radiologia da Universidade de Washington, é um dos pioneiros no estudo. Concluiu que apesar de os surdos não ouvirem a música são capazes de senti-la de forma tão real que o estímulo é equivalente, fazendo com que a mesma área do cérebro seja trabalhada.

Na Inglaterra, já existe balada direcionada aos deficientes auditivos. Foi idealizada por James Hogarth, que tapou os ouvidos durante uma festa e reparou como os graves da música eram sentidos no corpo. Além do som, para ajudar nas sensações, usam iluminação especial que acompanha o ritmo da música. Parte do dinheiro arrecadado é destinada a organizações que defendem os direitos dos surdos.

Regina Finck é professora do Departamento de Música da Universidade do Estado de Santa Catarina. Sua tese de doutorado “Ensinando música ao aluno surdo: perspectivas para ação pedagógica inclusiva”, ainda está em fase de revisão, mas é uma das primeiras pesquisas do gênero no sul do Brasil. Diz que as crianças surdas são capazes de realizar todas as atividades que as crianças ouvintes fazem. “Diferente é como você adapta os materiais e as estratégias de ensino. Todas as atividades devem ser preparadas com apoio visual.”

No caso da oficina que ministrou para escrever a tese, trabalhou pulso, silêncio, som, duração, intensidade, altura e timbre: “Desenvolvemos jogos de percepção vibrátil com o apoio de um computador, amplificando as frequências graves dos sons. Outro recurso foi o contato físico com as caixas de ressonância dos instrumentos acústicos, como violão, piano e tambor. Também foi essencial a participação de um intérprete de libras.”

Segundo Regina, atividades práticas de ensino musical aos deficientes acontecem esporadicamente em Santa Catarina, em forma de oficinas e minicursos. Nenhuma escola realiza ensino musical para surdos de maneira fixa. “O principal problema é a falta de preparação do professor. Não existem cursos de formação inicial e continuada para atuar no contexto inclusivo”, diz.

Camila Chiodi

Bibiana Beck

## Instituições privadas premiam os melhores alunos do Enade

No dia 8 de novembro, os 731 alunos da faculdade Cesusc que fizeram o Exame Nacional de Desempenho do Estudante (Enade) tiveram uma motivação extra para responder às perguntas com calma: quem concluiu a prova depois das três da tarde passava a concorrer automaticamente a um *laptop*, que será sorteado em dezembro. Antes, já haviam sido distribuídos 25 *pendrives* para aqueles que respondessem corretamente às perguntas postadas em um blog criado especialmente para o exame. Além dos prêmios, a instituição ofereceu aulas de revisão dos conteúdos gerais e específicos de cada curso.

A estudante Gabriela Coutinho de Azevedo, da segunda fase do curso de Direito, considera a ação da faculdade positiva: "Acho que ajudou. A ideia de fazer uma revisão foi legal para estimular os estudantes. Quem ia às palestras e assinava a lista de presença concorria a *pendrives*. Foi um jeito de recompensar quem estava empenhado." O estudante de Administração da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Marcelo Dorigatti, que participou do exame como concluinte, apresenta outro ponto de vista. "Acho que a faculdade não tem que motivar o aluno, o aluno é que tem que estar motivado. O Enade é como um cartão de visita do estudante."

O coordenador dos cursos de Administração e Ciências Contábeis da Unica, Carlos Roberto Vicente, explica que o bom desempenho dos alunos no Enade é muito valioso para a instituição. "O mercado sempre leva em consideração o ranking do MEC. O Enade é muito importante, mas nossas preocupações não podem se restringir a isso", afirma. Para garantir uma boa classificação, a Unica ofereceu aos convocados cerca de 120 horas de revisão e decidiu contemplar o melhores colocados com dez bolsas de pós-graduação.

O coordenador do curso de Jornalismo da UFSC, Áureo Moraes, critica as

dimensões que esse ranking tomou. "É válido e importante que o MEC tenha um instrumento para avaliar as instituições, mas é uma distorção utilizar o ranking para fazer propaganda e dividir: esses são os competentes, esses são os incompetentes". Ele não é a favor de que a faculdade realize uma preparação específica para o exame. "Para isso nós teríamos que admitir que a formação que estamos dando não é completa. Se os resultados do Enade demonstrarem que nosso ensino apresenta falhas em determinada área, veremos uma maneira de melhorar essa situação. Mas será uma ação contínua, não um curso visando à prova do dia seguinte."

O professor afirma que as instituições particulares têm uma relação diferente com o aluno se comparadas às universidades públicas. "Nas faculdades privadas, o aluno é o cliente. Eles precisam de um bom desempenho no MEC para fazer propaganda e conseguir mais alunos. Além disso, o Enade é apenas um dos indicadores para a nota final. Quem encara o desempenho do aluno como a cereja do bolo, certamente falha em outras áreas." Ele se refere ao fato de que a nota do Enade é composta por três índices: estrutura física, qualificação dos professores e desempenho dos alunos.

Na legislação que rege o Enade não existe nenhuma cláusula que se refira às ações que a faculdade pode ou não promover a fim de melhorar seu desempenho no exame. Quando questionada sobre seu posicionamento a respeito das revisões e dos sorteios de prêmios, a assessoria de imprensa do Instituto de Pesquisa e Estatística (Inep), responsável pela aplicação do Enade, respondeu que aprova esse tipo de incentivo, desde que esteja dentro da legalidade. "O Enade vê com bons olhos as iniciativas que contribuam para o desenvolvimento acadêmico".

Sarah Wesphal



A Apae de Florianópolis atende hoje mais de 400 portadores de deficiência que fazem atividades como fisioterapia, AEEs e profissionalização.

# Lei prevê atendimento especializado para os estudantes deficientes

Portadores de necessidades especiais devem ser matriculados no ensino regular, porém têm que realizar atividades complementares

Publicada em 2 de outubro, a nova medida para a educação especial prevê a implementação do Atendimento Educacional Especializado (AEEs). A resolução 4, publicada por Cesar Callegari, presidente da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, visa atualizar as políticas públicas de educação especial no Brasil.

Esse dispositivo complementa o Decreto 6.571, de 2008, parte da Política Nacional de Educação na Perspectiva da Educação Inclusiva. O objetivo da determinação, criada em setembro de 2008, é definir a obrigatoriedade da matrícula de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades (superdotação), na rede de ensino regular.

A medida visa trabalhar o desenvolvimento desses alunos da forma mais didática e completa possível. Para isso, o ensino dos portadores de necessidade deve ser complementado ou suplementado pelo AEEs. A lei prevê que os atendimentos ocorram em centros públicos com diversos recursos educacionais.

Depois de matriculados nas redes de ensino comum, os alunos deverão participar de atividades complementares no turno inverso. Os centros públicos deverão contar com uma equipe especializada. Além disso, o governo exige que esse espaço de atendimento tenha mobiliário, tecnologia e material didático necessários para enriquecer o aprendizado desses estudantes.

Essa assistência deve ser preferencialmente feita dentro de pólos públicos, mas também pode ser oferecida por outras instituições conveniadas com a Secretaria de Educação ou órgão equivalente dos estados ou municípios. "Ele [o AEEs] não é um reforço escolar, mas uma forma de bolar estratégias para que o aluno possa estar preparado para aprender. O atendimento vai trabalhar atenção, concentração e tarefas da vida diária", explica Sandra Carrieri, professora do Departamento de Inclusão Educacional do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Quando inscritos nas AEEs, alunos especiais matriculados em escolas públicas estaduais e municipais serão duplamente financiados pelo Fundo

de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação. O censo escolar será utilizado para registrar o número de alunos especiais integrados na rede pública comum.

Apesar de o decreto ter entrado em vigor no final de 2008 e ter suas diretrizes operacionais publicadas apenas em outubro de 2009, já existem diversas leis que buscam assegurar o direito de educação a todos, inclusive para alunos deficientes, previsto pela Constitui-

ção de 1988. Esse tipo de atendimento é pensado no país há pelo menos 15 anos, desde 1994, quando o governo brasileiro criou a política Nacional de Educação Especial. O Colégio de Aplicação de Florianópolis, por exemplo, tem hoje 30 alunos especiais e trabalha com a inclusão desde 2004.

A coordenadora pedagógica da Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais de Florianópolis (APAE), instituição conveniada com o Estado e que oferece o serviço de AEE, Fabiana Garcez, explica que "os dispositivos legais fazem parte de um movimento muito

maior, no plano internacional de políticas públicas educacionais, como a Convenção de Guatemala, da qual o Brasil é signatário". O encontro aconteceu em 1999, visando prevenir e eliminar a discriminação contra portadores de deficiência e favorecer sua plena integração à sociedade.

Para Sandra, o principal desafio do educador é romper obstáculos. "Barreiras de atitude vão sempre existir em qualquer ambiente e a função do educador é justamente quebrá-las. Quando isso não for possível, a lei está aí para assegurar a educação a todos".

Fernanda Martinazzi

### Avaliação

## Objetivos e funcionamento da prova

O Enade é promovido pelo Ministério da Educação (MEC), aplicado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), e visa medir o rendimento dos alunos de graduação em relação aos conteúdos programáticos dos currículos, avaliar sua capacidade de compreender temas referentes à realidade e de se adaptar às exigências decorrentes da evolução do conhecimento. Embora o comparecimento seja obrigatório, o aluno não é prejudicado diretamente se entregar a prova em branco, já que a nota do Enade não consta no currículo. Porém, a atitude irá diminuir a média do curso. O valor médio obtido pelos alunos de cada graduação é somado a outros dois índices que levam em conta a estrutura física e a qualificação dos professores. Com essas notas é calculado o conceito do curso, que varia de 1 a 5. O conceito fica registrado em um

ranking que pode ser acessado pela internet e consta nos principais guias de vestibular.

Em Florianópolis, foram convocados 6.432 alunos para a prova. A taxa de ausência ainda não foi divulgada. O exame foi realizado no domingo, 8 de novembro, entre 13h e 17h em 22 escolas públicas de toda a cidade. Foram avaliados os cursos de Administração, Arquivologia, Biblioteconomia, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Comunicação Social, Design, Direito, Estatística, Música, Psicologia, Relações Internacionais, Secretariado Executivo, Teatro e Turismo e os Cursos Superiores de Tecnologia em Design de Moda, Gastronomia, Marketing, Gestão de Recursos Humanos, Gestão de Turismo, Gestão Financeira, e Processos Gerenciais. Aqueles que não compareceram ao exame tem até o dia 23 para solicitar dispensa através do site oficial do Inep. (S. W.)

# A música livre de Peter Gossweiler

Criador de um dos maiores festivais de música alternativa, artista já representou o Brasil no Japão e nos EUA

Peter Gossweiler é músico experimental, produtor e curador do festival Música Livre, surgido em agosto de 2006 em Mariana, Minas Gerais. É um dos poucos festivais brasileiros dedicados ao experimentalismo, ao *noise* e à música de vanguarda. Desde então, 17 edições trouxeram músicos de vários lugares do mundo para interagir e criar algo novo. Peter flertou com a música experimental em 2004, e em 2009 esteve no Japão, para o Extreme Music Festival, em Fukuoka, ao lado de grandes músicos da cena *noise* japonesa. Mais recentemente esteve na Califórnia, EUA, onde participou de uma residência artística patrocinada pela Unesco. De lá, trouxe alguns novos trabalhos em vídeo, com os quais pretende fazer uma mostra em Florianópolis. Durante a entrevista, Peter estava em Porto Alegre, e conversamos por e-mail sobre música, trabalho e planos.

**Como começou seu interesse pela música, e mais especialmente pela música experimental, pela improvisação, *noise* etc.? Você acha que seu trabalho está mais ligado a um destes gêneros, especificamente?**

Sou filho de músicos de orquestra e fui, logicamente, educado com muita música e arte erudita. Na adolescência fui metaleiro e, quando adulto, mergulhei na música experimental. Foi em 2004 que comecei a experimentar sons de forma inocente e sem conhecer o que o mundo fazia nesse sentido. Usava gravador de rolo, bateria, colheres, piano, minha própria voz... Isso me deu uma base e independência criativa. Chamo o que faço de "música livre", por isso, não me considero um músico experimental ou improvisador.

**O festival Música Livre tem um público bem específico, muito diferente da música mais *mainstream* (que tem divulgação nos meios de massa). Conte-nos um pouco sobre a criação, como você reuniu artistas e público interessado.**

Existia uma produção de música experimental que era divulgada pela internet e que não tinha palco para performances. Então, em agosto de 2006, em Minas Gerais, realizamos o primeiro festival Música Livre. Como produtor e curador, não consigo definir qual é o perfil do público e tampouco o que é "música livre". Acho que faz parte do conceito geral de liberdade. Essa é a nossa maneira de ser livre, e, graças à insistência, reunimos um público interessado.

**Muitos músicos são mais reconhecidos no exterior que no país. A *web* te ajuda com os contatos e também com a divulgação da sua música?**

A cada ano, conheço pela internet mais e mais pessoas no mundo que fazem o mesmo que eu faço com a música:



"Amo especialmente ver o aço vibrar e se mover. Parece que *Aurora* deveria soar. Estou tocado e honrado pelo seu excelente trabalho", diz, em tradução livre, Del Geist, autor da escultura com que o artista interage em *Rubber Hammer*



12ª edição do Música Livre, no Teatro Álvaro de Carvalho, com Diogo de Haro

deturpá-la. Você junta um grão de areia em cada cidade e no fim você tem um deserto. Acho que é esse o caminho para quem faz música e arte ter o seu trabalho reconhecido. Lento, mas duradouro. Não é o caminho de tocar no Faustão e no dia seguinte vender milhões de CDs piratas [risos].

**Neste ano você esteve no Japão representando o Brasil no Extreme Music Festival, em Fukuoka. Como foi a experiência de tocar no Japão e a recepção do seu trabalho? Quais foram as influências que você trouxe do outro lado do mundo?**

Tocar no Japão foi um sonho realizado. O público japonês recebeu com muito respeito o meu trabalho e recebi também elogios de Toshiji Mikawa, a lenda viva do *japanoise* [cena *noise* japonesa] que encerrou a noite do festival. Mas foi durante a turnê pela China e Taiwan no ano anterior que descobri o *j-pop* [pop-rock japonês], estilo alucinante e embaraçoso ao mesmo tempo. Toda a inocência e maluquice dos orientais está nesse tipo de música. Eles adoram e isso movimentou uma indústria gigante que vive sem a existência do pop americano. É um fenômeno! Me fez ver como somos consumistas de uma cultura em inglês que

**“Somos consumistas de uma cultura em inglês que muitos nem compreendem”**

muitos nem compreendem. Não digo que devamos consumir mais samba. Longe disso! Essa "brasilidade" também deve ser banida. Só nos faz mais presos a uma ilusão de que ser brasileiro é ser malandro, alegre, etc. De fato, o brasileiro é muito mais do que só isso.

**Você esteve recentemente na Califórnia em residência artística patrocinada pelo Djerassi Resident Artist Program. Era o único brasileiro lá. Certamente, seu trabalho com o festival e sua trajetória influenciaram na decisão de levá-lo até lá. Como você foi selecionado?**

Definitivamente, o intercâmbio de artistas internacionais no Música Livre colaborou para a decisão da Unesco em me patrocinar. Esse programa de que participei é importantíssimo. Ele incentiva a união entre as nações através dos artistas. Quando recebi a notícia estava no meu primeiro dia no Japão numa loja da Apple (vendo meus e-mails de graça!) fiquei muito feliz e saí para buscar um restaurante *vegan*. No caminho começou a nevar. Nunca tinha visto neve. Estava nevando, eu estava no Japão e a Unesco ia pagar para eu tocar na Califórnia! Tudo ao mesmo tempo! A felicidade foi forte. O resultado desta residência na Califórnia está em vídeos postados na internet. Em breve pretendo fazer uma mostra em Florianópolis desses vídeos, incluindo um de 70 minutos.

**Percebe-se que você não faz uma separação entre a performance e**

a música, tanto no festival (que é para música experimental, performance e artes visuais) quanto nos vídeos. Qual a sua ligação com estas formas de arte e quais as potencialidades que essas linguagens poderiam trazer à experiência musical?

Você tem razão. É tudo a mesma coisa, não deveria separar. Veja o exemplo do filme *O sol da meia-noite*, de 1985, com Mikhail Baryshnikov atuando e dançando. Você chamaria de um filme com um dançarino atuando ou um ator dançando? É filme apenas. Obras como essa explicam muito o que eu faço hoje em dia. Minha música está mais completa com a elaboração de um vídeo. Se eu achar importante apareço nele, se não busco outras imagens para entreter o "telespectador" [risos].

**Conte um pouco sobre seus trabalhos mais recentes com vídeo feitos na Califórnia. *Rubber Hammer*, por exemplo: foi gravada uma única performance em plano-sequência, ou foram feitas várias tomadas? Como foi a preparação e o "esboço" desta performance e qual a interação com a videomaker Jang Suk Joon? Você ajuda na edição do material? Tenta colocar no audiovisual um pouco do experimentalismo sonoro?**

Quando admiro um artista, procuro fazer projetos em parceria. Com Joon foi assim. Ela é uma fotógrafa coreana que tem um pensamento muito maduro sobre o que faz. Eu expliquei através de referências, como uma fotografia de um prédio com um céu azul de fundo e o filme *Koyaanisqatsi* [documentário de 1983] como ideia de fusão da imagem com o som. Depois fomos construindo um roteiro livre durante as filmagens. Ela operava a câmera e eu, o gravador de som, posicionava o microfone, gritava "gravando!", dava uma porrada na escultura e gritava "corta!". A edição levou um dia e fiz sozinho. Antes de gravar pedi permissão para o escultor [Del Geist]. Ele gostou muito do resultado sobre sua obra, *Aurora*.

**Há trabalhos seus de registro da performance, como *Duracell*. Nos mais recentes há mais pós-produção, e aparentemente há um tratamento de áudio posterior. O que você considera a obra: a performance ou o vídeo? Seu trabalho está indo em direção à videoperformance?**

Um outro dia meu irmão gêmeo chamou meus vídeos de videoclipes. Acho que isso vulgarizou o que é uma videoperformance. Tenho todo o equipamento necessário para essa independência de produção. Apenas ligo a câmera e registro.

Jessé Torres

Crítica

# As pobres pétalas pútridas de Bellatin

O autor conta a história de pessoas afetadas pelo medicamento Talidomida, que provoca a má-formação do feto

*Flores*, livro do mexicano Mario Bellatin, é uma novela experimental e pós-moderna. É muito mais que uma mera compilação de historietas batizadas com as mais diversas espécies dessas plantas. Como nos alerta subliminarmente o autor na introdução, o livro foi um trabalho de edição e composição de tradição suméria, uma técnica milenar que soma trechos curtos e rápidos numa longa e complicada estrutura narrativa.

A lendária obra suméria de Gilgamesh contava a história de um semideus em busca da imortalidade. No caso de *Flores*, os personagens são degenerados e sua busca é por aquilo que irá, enfim, satisfazer suas perturbadas existências. Portadores de deformações congênitas, mulheres que não podem engravidar, poetas excêntricos e alcólatras, homens de ciência confrontados com a falência de seus (aparentemen-

te) intocáveis cânones da razão perante a natureza, marginais que encontram nas mais bizarras formas de sexualidade o prazer. São esses tipos de personas que Bellatin tão crua, ríspida e economicamente explora, abusando de uma prosa seca e de "silêncios construídos". Nem por isso ele falha no seu verdadeiro interesse de explicitar quão desajustadas e miseráveis são essas pétalas.

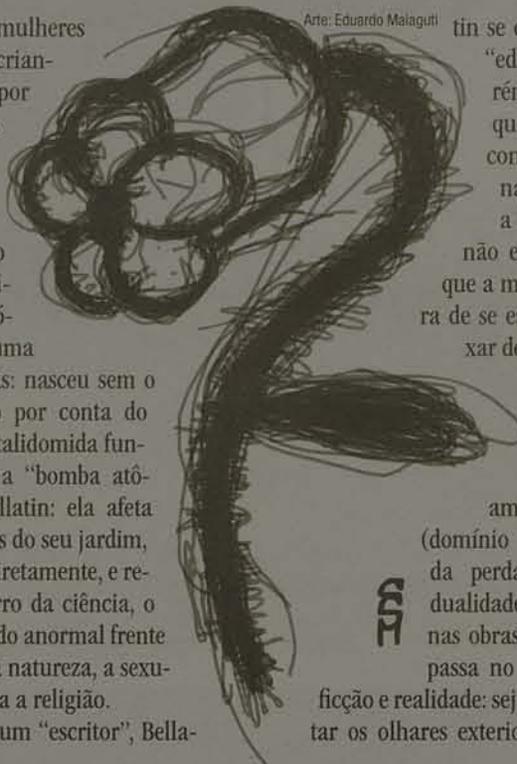
Se em *Rosa de Hiroshima*, de Vinícius de Moraes, a "rosa" funcionava como metáfora para as deformidades causadas pela bomba atômica, as "flores" de Bellatin podem ser vistas como as deformidades da sociedade. Cada uma delas parte integrante de um todo: de uma planta, de um arranjo, de um jardim.

As "flores" se encontram no funesto e sombrio jardim das vítimas do medicamento da Talidomida, usado no início dos anos 60 para combater

enjôos em mulheres grávidas. As crianças geradas por essas mães corriam sério risco de possuir má-formação nas extremidades (o próprio autor é uma dessas vítimas: nasceu sem o braço direito por conta do remédio). A talidomida funciona como a "bomba atômica" de Bellatin: ela afeta todas as flores do seu jardim, direta ou indiretamente, e representa o erro da ciência, o desabrochar do anormal frente ao normal da natureza, a sexualidade contra a religião.

Mais que um "escritor", Bella-

Arte: Eduardo Malaguti



tin se considera um "editor"; porém, ele espera que você não o considere como nada. Defende a ideia de que não existe autor e que a melhor maneira de se escrever é deixar de lado a escrita literária, ou seja, a ideia do alheamento radical (domínio público) e da perda da individualidade do escritor nas obras. Sua vida se passa no limiar entre ficção e realidade: seja ao confrontar os olhares exteriores por usar

próteses extravagantes (como o pênis dourado que ornou seu braço artificial na FLIP), ou ao prometer apresentar sócias de autores mexicanos a intelectuais franceses em um Colóquio Literário em Paris.

Contraditoriamente ou não, ele nega que sua escrita seja autobiográfica. A trajetória de Mario Bellatin foi dedicada a (des)construir discursos artísticos e literários com atitudes e personagens que, não raro, são parecidos com ele. A reflexão que fica, de fato, ao ler um livro como *Flores* é: seria sua escrita dotada de "real" ou seria Bellatin, ele próprio, uma ficção?

Marcelo Andreguetti

**Flores - Mario Bellatin**  
Tradução: Josely Vianna Baptista  
Editora Cosac & Naify, 2009,  
80 pag. - R\$ 39,00

Crônica

# O caos na troca dos horários de ônibus

Um dia lindo de folga na praia. Amanhece com uma brisa fria e úmida, nenhuma nuvem no céu e um sol acanhado por trás do morro da Lagoa. A vontade de pegar um ônibus e ir para praia é gigantesca. Mas a que horas passa o ônibus?

O horário que consta no site da Transol não está correto, afinal, o querido secretário de transportes resolveu mudar tudo sem aviso prévio. Por isso, a lista de horários na internet não foi atualizada, nem no site do Setuf (o órgão que cuida do transporte viário da cidade), nem no das empresas.

Ir de bicicleta? Não tem como subir

o morro da Lagoa pedalando. Para chegar em Canas, eu perderia o dia todo na rodovia, tomaria um banho de mar de 15 minutos e já seria hora de voltar. Eu poderia ir para o sul, mas é mais provável eu ser atropelada em uma daquelas ruas sem acostamento que chegar viva na praia.

Sr. Secretário, por que o senhor mudou todos os horários de ônibus sem noticiar na mídia, sem preparar a mudança no setor e melou o meu dia de praia? Por que o senhor não avisou ao cidadão que ele chegaria atrasado no trabalho se sáísse no mesmo horário que sai todos os dias? Por que não

avisou que ele teria que ir ainda mais apertado na lata de sardinhas que vocês chamam de linha circular?

Com todo o respeito, eu posso apostar que ninguém jamais viu uma cidade cancelar horários de tantas linhas nos dias de semana. Ao contrário, quando há mudança, é para oferecer mais opções na tabela, tanto de horários, quanto de linhas. E pior: além de diminuir o número de ônibus que circulam, nenhum outro transporte coletivo foi implementado ou melhorado.

Sim, Florianópolis – o paraíso na Terra, o Éden dos argentinos, europeus e endinheirados do mundo afora – conta

apenas com os ônibus para transportar quem não tem dinheiro ou prefere não usar o carro. Nos bairros mal-planejados, as seis pistas da Beira-mar Norte e a estrutura das rodovias são titanescas se comparadas à geral do Córrego Grande ou à estreita rua Bocaiúva. São as vias terrestres que espremem toda a mobilidade da ilha.

Será que tiraram os ônibus das ruas para que eles não briguem mais com os carros? Para que os turistas aluguem os seus automóveis assim que chegarem na cidade? Para que o pobre não saia mais de casa, melhorando o trânsito?

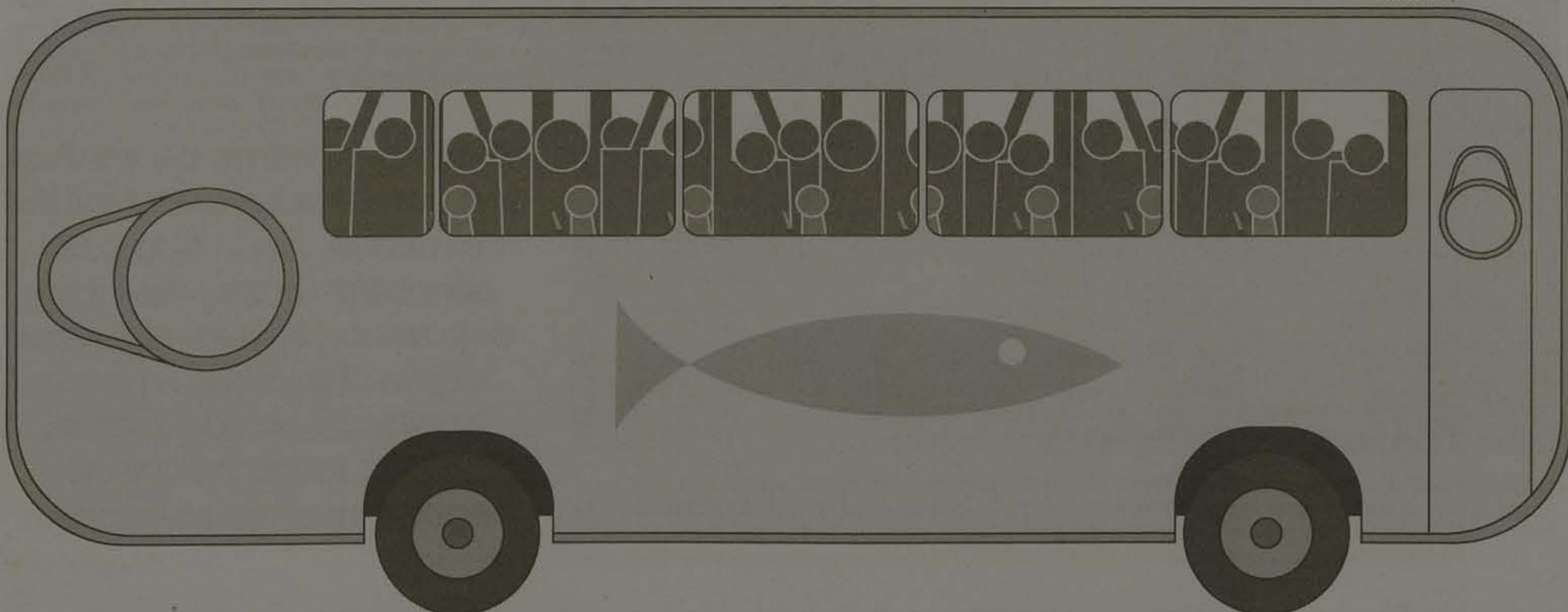
Desculpe dizer dessa forma, senhor

Secretário, mas o senhor não sabe de onde vêm nem para onde vão as pessoas que pegam os ônibus. Não há pesquisas de procedência/destino em nossa ilha da magia. Nem as lendárias bruxas da ilha fantástica sabem. Ainda assim, o senhor prefere tomar uma decisão "às cegas" e piorar o transporte do cidadão, que agora precisa, mais que antes, esperar por um ônibus.

Obrigada, senhor Secretário. O senhor acaba de melar o meu dia de praia. Irei, então, ao trabalho. Para minha sorte, posso ir a pé.

Andressa Dreher

Arte: João Assunção



ZERO

# Por que muros brancos?



Pixação tem um caráter de ruptura que o grafite não necessariamente tem. É bem comum o grafite funcionar como simples 'decoração urbana' mas pixação não, pixação é ruído. Acho que a arte é urbana quando está na cidade por opção, não poderia estar no museu. Ela é gratuita, espontânea, o cara não espera um reconhecimento, não de um jeito 'artístico'.

João Serraglio - Artista e arquiteto - flickr.com/photos/vendaval



O espaço urbano é um meio onde as pessoas te veem, mesmo que elas não queiram. Impor essa alteração tem que ter propósito para ter valor. Nem que seja chocar, ou alertar as pessoas para alguma coisa. Inserir uma intervenção é criar contato com as pessoas, observar suas reações; é tentar quebrar a monotonia e alterar o espaço de convívio.

Pedro Biz - Designer de Porto Alegre - www.pedrobiz.com

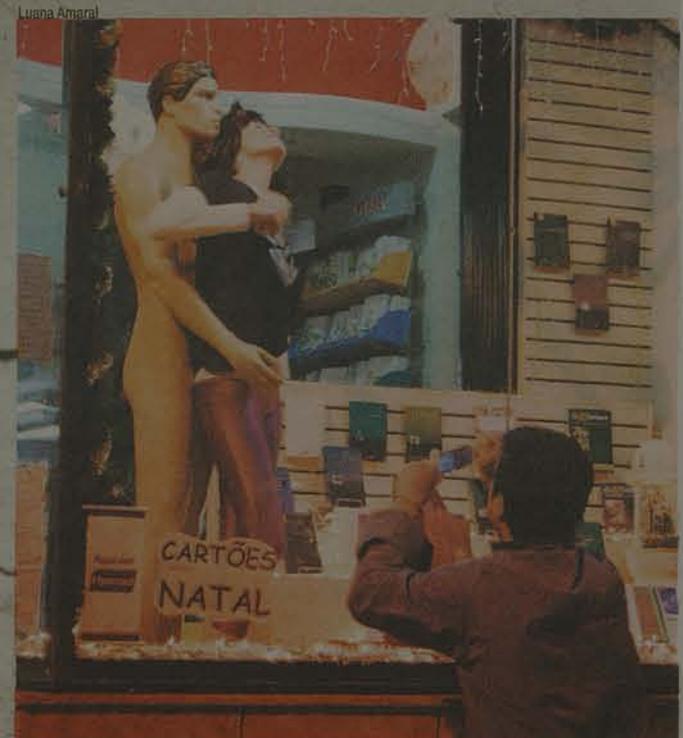


Paisagem Especulada intervenção na região do Pântano do Sul dentro do contexto de uma mobilização em favor da transformação da área em parque natural. Com ampla participação da comunidade, o gesto de escrever na areia expressou uma simbologia da relação de baixo impacto com o meio: o caráter efêmero e não poluente reforça a mensagem de deixarmos apenas um vestígio que se apaga com as ondas e o vento.

Silvana Macedo - Artista Plástica/Grupo Rosa dos Ventos - Vídeo da intervenção em: youtube.com/watch?v=SKNbZt6y5N8

O espaço urbano foi criado pelas pessoas e é por elas transformado. É ali, no concreto das cidades que estão marcadas as memórias, se expressam os desejos, se realizam as trocas simbólicas e as ideias nascem e morrem. Os olhos percorrem os prédios, percorrem as ruas, e é a cidade com seus sinais que nos diz o que pensar. Se assim acontece, por que não transformá-la nós mesmos para mudar o jeito que a gente pensa e se relaciona?

Por Marcelo Andregueti e Jessé Torres



A cidade é feita para ser repensada, e os meios de marketing e micropoderes sabem muito bem disso e agem continuamente para controlar, proibir ou vender. Os artistas, do contrário, devem também olhar a cidade como um local fértil para intervenções e transformações, mas no sentido de deslocar o olhar, causar estranhamento e gerar reflexão.

Trabalhamos com especificidades de espaços urbanos, e no caso de Florianópolis, exploramos sua condição contraditória que levará ao caos, pois não há diálogo entre natureza e exploração dentro da lógica de mercado que prega crescimento a todo custo. A ilha não pode crescer com o mercado.

Luana Raiter - ERRO Grupo - errogrupo.com.br

**As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa.**

ITALO CALVINO